



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS



EDILSON ALBERTO DOS SANTOS

“A POESIA É TÃO BELA... MAS ELA AINDA NÃO ESTÁ(VA) AQUI!”:
A POESIA PERIFÉRICA E O DESENVOLVIMENTO DAS
HABILIDADES DE LEITURA EM SALA DE AULA

Santo Antônio de Jesus – BA
2019

EDILSON ALBERTO DOS SANTOS

**“A POESIA É TÃO BELA... MAS ELA AINDA NÃO ESTÁ(VA) AQUI!”:
A POESIA PERIFÉRICA E O DESENVOLVIMENTO DAS
HABILIDADES DE LEITURA EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) na área de concentração Linguagens e Letramentos, do Departamento de Ciências Humanas – *Campus V*, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto

Santo Antônio de Jesus – BA
2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Santos, Edilson Alberto dos

“A poesia é tão bela... mas ela ainda não está (va) aqui!”: A poesia periférica e o desenvolvimento das habilidades de leitura em sala de aula. / Edilson Alberto dos Santos. – Santo Antônio de Jesus, 2019.

98 f.

Orientador: Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. *Campus V*. 2019.

Contém referências e anexos.

1. Literatura. 2. Leitura. 3. Poesia. – periferia. I. Nascimento Neto, João Evangelista do. II. Título. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

CDD 469

FOLHA DE APROVAÇÃO

EDILSON ALBERTO DOS SANTOS

**“A POESIA É TÃO BELA... MAS ELA AINDA NÃO ESTÁ(VA) AQUI!”:
A POESIA PERIFÉRICA E O DESENVOLVIMENTO DAS
HABILIDADES DE LEITURA EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) na área de concentração Linguagens e Letramentos, do Departamento de Ciências Humanas – *Campus V*, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
(Orientador)

Profª Drª Priscila Peixinho Fiorindo
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Profª Drª Luciana Sacramento Moreno Gonçalves
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Santo Antônio de Jesus – BA
2019

Aos meus grandes amores: Edna Mendes e
Stella Mendes, que são minhas fontes de
inspiração aonde quer que eu vá...

AGRADECIMENTOS

A **DEUS**, por ter me concedido a oportunidade de adquirir novas e prazerosas experiências acadêmicas indispensáveis ao amadurecimento pessoal e profissional;

A minha querida família, amigos e colegas de trabalho pela constante compreensão, cooperação e incentivo nessa caminhada tão significativa e inesquecível;

A minha turma do mestrado que, como sinal de parceria ilimitada, sempre buscou incentivar o outro a dar continuidade à caminhada. Em especial à amiga Grasiela, pois, com seu jeito super solidário, nunca deixou a distância territorial enfraquecer a estrutura da nossa amizade;

Aos professores do mestrado, pela dedicação e compromisso incansáveis no ato de compartilhar os conhecimentos;

Às professoras integrantes da banca examinadora, por deixarem marcas produtivas na minha dissertação, desde o período da qualificação;

Ao meu orientador, por constantemente revelar paciência, compreensão e competência no direcionamento desta obra científica. Sempre de bom humor, humano e encorajador. Não esquecerei uma de suas falas que me deram ânimo para continuar a pesquisar, refletir e escrever com mais segurança: *Sua proposta é pé no chão!*

Muito obrigado!

SAUDADE

(Allison Chaplin – poeta periférico)

*Tem dias em que parece que acordamos
com saudade
Outros, é a saudade que acorda com
a gente
Mas em ambos os dias, tem saudade
e tem a gente
Tem gente que saudades sente e
saudades deixa
Outros, simplesmente, deixam a gente
e saudades levam
Em meio a tantas saudades e
tantas gentes
A gente que só sente gente
com saudades e saudades...*

RESUMO

Nesta dissertação, buscamos valorizar o uso da linguagem poética, em sala de aula, através da análise de poemas periféricos, a fim de contribuir para o aprimoramento da leitura dos aprendizes. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, realizada no município de Presidente Tancredo Neves – Bahia. Tem como público-alvo alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Rede Pública, os quais moram na periferia, estudam na periferia, têm afinidade com poetas da comunidade local e, além disso, são qualificados como leitores que apresentam habilidades do procedimento de leitura ainda não desenvolvidas de modo satisfatório. Os pressupostos teóricos dão ênfase ao estudo sobre as relações entre leitura, literatura e poesia, a fim de refletir cuidadosamente sobre o processo de interdependência entre esses elementos tão cruciais para o processo de ensino-aprendizagem. Procura-se viabilizar uma reflexão sobre o aprimoramento da leitura, na intenção de proporcionar uma integração entre os saberes e o fazer poético, fundamentado, especialmente, nos estudos de Bauman (2005), Candido (2000/2002/2004), Cordeiro (2004), Cosson (2014/2016), Dalcastagnè (2007/2008), Fiorindo (2012/2015), Freire (2008), Pinheiro (2002) e Sorrenti (2009). As atividades pedagógicas sugeridas compõem um conjunto de estratégias que visam prestigiar e ampliar a visão de mundo desses educandos, convertendo-os em leitores críticos e reflexivos, mais preparados para transformar a sociedade em que vivem. Os resultados sinalizam diversas surpresas, principalmente no campo literário, tanto no desenrolar das atividades de ensino como nas relações dos alunos com os poetas da comunidade local. Assim, as experiências cotidianas dos envolvidos ganham mais visibilidade e as práticas de leitura obtêm um novo sentido: passam a produzir resultados para além da decodificação.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Poesia. Periferia.

ABSTRACT

In this dissertation, we seek to value the use of poetic language, in the classroom, through the analysis of peripheral poems, in order to contribute to the improvement of the reading of the learners. This is a qualitative research, of exploratory nature, carried out in the municipality of Presidente Tancredo Neves - Bahia. Its target audience is 9th grade students of the Public School, who live in the periphery, study in the periphery, have affinity with poets of the local community and, in addition, are qualified as readers who have skills of the reading procedure still not satisfactorily developed. The theoretical assumptions emphasize the study of the relationships between reading, literature and poetry, in order to reflect carefully on the process of interdependence between these elements so crucial to the teaching-learning process. It seeks to make possible a reflection on the improvement of reading, with the intention of providing an integration between the knowledge and the poetic making, based, especially, on the studies of Candido (2000/2002/2004), Cosson (2014/2016), Dalcastagnè (2007/2008), Fiorindo (2012/2015), Freire (2008), Pinheiro (2002) and Sorrenti (2009). The suggested pedagogical activities comprise a set of strategies aimed at enhancing and enhancing the world view of these students, turning them into critical and reflexive readers, better prepared to transform the society in which they live. The results point to several surprises, especially in the literary field, both in the course of teaching activities and in pupils' relationships with local community poets. Thus, the everyday experiences of those involved gain more visibility and reading practices have a new meaning: they begin to produce results in addition to decoding.

Keywords: Reading. Literature. Poetry. Periphery.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Minha primeira experiência como professor (auxiliar de ensino).....	13
Figura 2- A turma de alunos envolvida na proposta de intervenção pedagógica.....	49
Figura 3- Fotos da entrada do Colégio Professor Edivaldo Machado Boaventura.....	51
Figura 4- Os sujeitos da pesquisa, em sala de aula.....	67
Figura 5- Alunos cantando e declamando poemas, respectivamente.....	67
Figura 6- Algumas imagens produzidas pelos alunos, referentes aos poemas <i>Invisibilidade</i> , <i>Despertar</i> e <i>Enquanto isso</i> , respectivamente.....	68
Figura 7- Poema produzido e declamado pelos alunos, para o diretor escolar.....	69
Figura 8- Alunos pintando a sala.....	70
Figura 9- Alunos admirando a pintura feita na sala.....	71
Figura 10- Convites elaborados para os poetas da comunidade local.....	72
Figura 11- Apresentando os poetas.....	74
Figura 12- Poetas da comunidade local visitando a sala da turma.....	75
Figura 13- Texto do aluno que se interessou por produzir poesia na obra em prosa...	77
Figura 14- Comunidade escolar e local, respectivamente, contribuindo com a realização do evento.....	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Onde e com quem você mora?.....	55
Tabela 2- O celular e a internet.....	56
Tabela 3- Os alunos e o poema.....	57

SUMÁRIO

1 ABRINDO AS PORTAS DA PERIFERIA: COMO TUDO COMEÇOU E ONDE CONSEGUI CHEGAR	13
2 PRESSUPOSTOS DA LEITURA POÉTICO-PERIFÉRICA	20
2.1 NAS TRILHAS DA LEITURA.....	20
2.2 A ESCOLA DESEMPENHANDO O SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DO LEITOR.....	25
2.2.1 Afeto, identidade e pertencimento no ato de ler.....	29
2.3 AS INFLUÊNCIAS DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR.....	33
2.3.1 Leitura literária na perspectiva do letramento.....	36
2.4 LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO NO AMBIENTE ESCOLAR.....	39
2.4.1 O papel da poesia na formação do leitor.....	40
2.4.2 A voz da poesia periférica nas interações escolares.....	44
3 DESPERTANDO A LEITURA PELO FAZER POÉTICO.....	49
3.1 O ESPAÇO ESCOLAR.....	49
3.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	51
3.2.1 Análise do delineamento do perfil da turma.....	54
3.3 ETAPAS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	58
4 REVELANDO OS MISTÉRIOS DA PESQUISA.....	66
4.1 DESCREVENDO E ANALISANDO AS ETAPAS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	66
5 CHEGANDO AO FIM, MAS AS PORTAS DA PERIFERIA CONTINUAM ABERTAS.....	81
REFERÊNCIA.....	83
ANEXO A- 8 poemas com temáticas periféricas.....	86
ANEXO B- Poema: Poetizando as memórias registradas no mestrado.....	94
ANEXO C- Obras da poeta local Natália Serafim.....	96
ANEXO D- Obras da poeta local Maria das Candeias Inácio dos Santos.....	98
ANEXO E- Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP	99

1 ABRINDO AS PORTAS DA PERIFERIA: COMO TUDO COMEÇOU E ONDE CONSEGUI CHEGAR

Figura 1- Minha primeira experiência como professor (auxiliar de ensino).



Fonte: O autor.

Eu, Edilson Alberto dos Santos, professor, considero-me um ser de identidade fortemente periférica e com muitos privilégios adquiridos através da leitura.

Moro num planeta

Que poucos podem saber, mas fica a anos-luz do centro da nossa galáxia.

Habito numa América

Que não é a central – compreende a porção meridional das Américas.

Vivo num país

Que é considerado inferior, devido ao seu desenvolvimento socioeconômico.

Resido num estado

Que está localizado numa região excluída, até mesmo por muitos brasileiros.

Ocupo um município

Que, por se encontrar no Baixo Sul da Bahia, torna-se quase desconhecido.

Leciono numa escola

Que sua maior clientela, às vezes, é ignorada por morar em área distanciada.

Venho de uma família

Que, na verdade, nunca ocupou lugar de destaque na sociedade onde vive...

Mas isso não foi motivo para que eu desanimasse e, até mesmo desistisse. A leitura foi, para mim, uma mola propulsora nesse sentido. Recordo que a minha admiração pelos livros e pela leitura começou bem lá atrás. Na realidade, eu nem dominava as habilidades mínimas de leitura, quando meus pais presentearam-me com meus primeiros livros. Eu ainda não sabia ler, nem escrever, porém amava aqueles presentes tão especiais – livros de histórias infantis e poesias que enfatizavam a riqueza do texto literário. Eu devia ter aproximadamente 3 anos de idade. Tenho lembranças não muito detalhadas dos referidos livros, porque as imagens eram o que mais chamavam minha atenção. Com o passar do tempo, fui aprendendo, ainda que lentamente, a relacionar as imagens às palavras. Foi exatamente nesse período que vivi os primeiros momentos marcantes relacionados às práticas de leitura.

O mais interessante de tudo isso é que minha admiração não parou por aí. No Ensino Fundamental I e II e no Ensino Médio, tive a oportunidade de ampliar os conhecimentos, sendo envolvido, especialmente pelos professores de Língua Portuguesa, num processo de maior despertar ligado ao interesse e ao prazer na leitura de textos literários, especialmente o gênero poema. Eu ainda não tinha acesso ao computador, muito menos à *internet*, mas a biblioteca comunitária local da época e os poucos livros paradidáticos encontrados na escola foram-me muito significativos para enriquecer minha aprendizagem adquirida na escola e no dia a dia.

Essa realidade trouxe reflexos bastante positivos para a minha vida. Com a contribuição da leitura, passei a visualizar o mundo para além do real, quebrar as fronteiras da imaginação e descobrir novos horizontes. Ela me proporcionou a expansão dos conhecimentos, gerando a abertura para infinitas possibilidades de percorrer o caminho a fim de desadormecer o potencial ilimitado. Na verdade, um alargamento das fronteiras no meu percurso pessoal. Afirmo isso com convicção, uma vez que o leitor assíduo tem mais oportunidades de adquirir novos conhecimentos, impulsionando a sua própria evolução - senso crítico mais aprimorado, desenvolvimento significativo na escrita, maior capacidade de convencimento, aptidão para aprender com o outro, desdobramento do repertório cultural, melhoria constante do processo de aprendizagem.

Passar a ver o mundo dessa forma também serviu como base principal para a conquista de resultados expressivos no meu percurso profissional. Lembro-me que

comecei a ministrar aulas quando ainda iniciava o terceiro ano do Ensino Médio, curso de Magistério. Eu havia prestado concurso para o cargo de professor auxiliar, pois, até aquele momento, não possuía a formação exigida para participar da seleção, que permitiria ao candidato aprovado, assumir a regência em sala de aula. Fui, seja dito de passagem, impulsionado logo cedo ao mercado de trabalho, ainda que em nível de formação menos elevado, por conta da oportunidade que me foi concedida como reconhecimento da evolução que alcancei ao trilhar, com prazer e dedicação, os caminhos da leitura.

Iniciei minhas atividades profissionais, como auxiliar de ensino, na Escola Eugênio Leal, localizada na zona rural do município onde moro – Presidente Tancredo Neves – BA. O difícil acesso dificultava, às vezes, o bom andamento do trabalho; no entanto, para mim, aquele momento tinha um grande significado por ser o princípio de um dos meus maiores sonhos: ministrar aulas como professor efetivo. Aproveitei o ensejo para adquirir novas experiências e também colocar em prática, na medida do possível, parte do que aprendi na minha trajetória estudantil, especialmente, as habilidades consolidadas no Ensino Médio. Nesse trabalho, tive um grande desafio – desenvolver um projeto de leitura com os meus alunos. Como resultado, além dos objetivos alcançados, ainda no final daquele ano, fui convidado por minha ex-professora, na época diretora escolar, a fazer parte da equipe de professores de um dos colégios municipais, situado a poucos metros de distância da minha casa. Como negar ao convite? Impossível.

Verdadeiramente, o chamado da referida diretora foi também desafiador, já que eu, ainda nomeado como auxiliar de ensino, atendendo ao convite, passaria a lecionar Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II. E assim foi feito. A meta principal dessa disciplina, segundo a orientação da coordenadora da época, era contribuir para que os estudantes lessem e produzissem textos de melhor qualidade e aperfeiçoassem a expressão oral. Inicialmente, tive um pouco de dificuldade, porém, no desenrolar do trabalho, com a parceria de colegas mais experientes e da gestão escolar, obtivemos bons resultados. Vale salientar que os momentos de planejamento foram fundamentais para que nos dedicássemos à discussão sobre como usar o tempo pedagógico para que as ações e os conhecimentos mais pertinentes fossem contemplados.

Poucos anos depois, fui promovido, através de portaria legal, para o cargo de professor diplomado, por ter cumprido o estágio probatório e adquirido habilitação no

Magistério – Ensino Médio. Continuei a trabalhar no mesmo colégio e, com o passar do tempo, percebia o quanto era importante ir à busca de qualificação, de nova formação. Nas tentativas de ter acesso a um curso de graduação voltado à área de minha atuação profissional, fui contemplado com uma bolsa de estudo do Programa Universidade para Todos e, então, ingressei numa instituição de Nível Superior para iniciar o curso de Licenciatura em Letras. Ao concluí-lo, dei continuidade aos estudos, fazendo duas especializações, também na área de Letras. Não demorei a perceber o quanto a vivência e as experiências proporcionadas pela vida acadêmica são importantes para o crescimento pessoal e profissional do ser humano.

E agora, como mestrando em Letras/PROFLETRAS pelo Departamento de Ciências Humanas do *Campus V* da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, noto, ainda com mais evidência, o valor desse crescimento. Posso afirmar com convicção que toda aprendizagem adquirida na minha trajetória estudantil foi muito válida para chegar até aqui, porém sei que ainda há um grande percurso a ser trilhado a fim de dar continuidade a minha formação enquanto professor e contribuir, sobretudo, no aumento da autonomia e da proficiência em leitura dos alunos que fazem parte da escola onde passei a trabalhar em 2017 e tornou-se campo de pesquisa para a realização da minha proposta de intervenção pedagógica.

Fui impulsionado, a partir das reflexões feitas no âmbito do PROFLETRAS e da realidade vivenciada, em sala de aula, a escolher o seguinte tema para este trabalho: *“A poesia é tão bela... Mas ela ainda não está aqui!”: A poesia periférica e o desenvolvimento das habilidades de leitura em sala de aula*. A clientela indicada para a execução dessa proposta é uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental II do Colégio Professor Edivaldo Machado Boaventura, localizado na Praça da Independência, S/N – Bairro do Ginásio – Presidente Tancredo Neves – BA. Turma que apresenta certa dificuldade em relação à leitura e análise de textos, principalmente no que se refere ao procedimento de descobrir as informações implícitas no texto literário.

É como se o exercício inicial da leitura - a decodificação – fosse confundido com a integralidade do processo. Há, na verdade, um apego excessivo à decifração, o que prejudica o processo de entendimento do que aborda o texto que é lido. Isso tem dificultado a realização de um trabalho que ajude os alunos dessa turma a irem além da leitura superficial do texto para encontrar outros caminhos que permitam tornar a leitura mais aprofundada e produtiva. Falta, ainda, o engajamento do

conhecimento de mundo do leitor para que a utilização paralela dos processos de decifração e compreensão textual ocorra de modo significativo. De fato, as experiências e vivências dos aprendizes precisam ser colocadas em evidência para que as habilidades de leitura sejam efetivamente consolidadas.

A realização deste trabalho justifica-se pela necessidade de reverter a situação apresentada pela referida turma, tendo em vista que a atenção deve ser dada às ações relacionadas ao procedimento de leitura e à mobilização de um conjunto de conhecimentos indispensáveis ao trabalho de compreensão do texto. Em outras palavras, não basta apenas trabalhar com um grande número de textos, é importante dar foco ao processo de desenvolvimento das habilidades de leitura, apropriando-se da construção de sentidos por meio de textos mais significativos. É pensando nisso que, neste projeto, a poesia periférica entra em cena no palco do aprimoramento da leitura, pois o poema é um gênero textual que, se bem valorizado e explorado, pode trazer marcas consideráveis à formação do sujeito-leitor.

O poema permite ao aluno o reencontro com a cultura, possibilita momentos de revelação e valorização do prazer, da fantasia e da realidade que cativa e encanta o leitor. Além disso, favorece a leitura ampla e crítica dos valores presentes no meio social. O professor, ao trabalhar com esse gênero textual, em sala de aula, pode proporcionar ao aluno a oportunidade de descobrir não só as composições superficiais do texto, bem como entender, mais intensamente, a linguagem, as ideias e/ou pontos de vista que estão implícitos nas obras poéticas.

A apropriação do texto literário com propósitos adequados à situação comunicativa resulta numa vantagem para a fruição do prazer do texto, do aperfeiçoamento das possibilidades de leitura e do senso crítico, promovendo a transformação do indivíduo que passa a demonstrar nova postura diante da sociedade. Trata-se de perceber a forte relação existente entre o poema e o desenvolvimento das habilidades de leitura, pois os alunos não podem perder seu encantamento com a palavra, seu gosto pelo inesperado, seu fascínio por ver as coisas com um novo olhar e apreciar o ritmo do mundo. Melhor dizendo, devem ser convidados a compreender que o poema tem como porta de entrada os olhos e ouvidos do leitor e, se bem explorado, chega ao coração.

Já não tem mais espaço na escola o argumento do professor fundamentado na ideia de que não trabalha o poema, em sala de aula, por não saber como proceder e porque o referido gênero demanda tempo e paciência para ser estudado.

Já não é admissível o professor afirmar que se sente mais tranquilo ocupando o tempo de suas aulas priorizando apenas o ensino de gramática, porque ela não lhe solicita a chamada à “emoção”, elemento que pode surgir no trabalho realizado com o texto poético. A imaginação criadora dos alunos não deve ser sufocada ou enfraquecida. Cabe à escola criar situações que ampliem a sensibilidade poética dos educandos. É nesse momento que a poesia periférica entra em cena, pois ela é uma arte poética criada por moradores da periferia e envolve temáticas, como: suas dores e seus amores; suas doçuras e amarguras; sua insatisfação ligada a questões sociais e culturais – preconceito racial, desigualdade social, entre outras.

Mas, diante da dificuldade apresentada, no processo de leitura, pela turma em questão, uma pergunta-problema precisa ser respondida com a aplicação da proposta de intervenção: é possível desenvolver uma prática de leitura, em sala de aula, que ultrapasse o simples processo da decodificação a partir da valorização e estudo da poesia periférica? Com base nesse questionamento, é possível levar em consideração o levantamento da seguinte hipótese: quando é concedida ao aluno a oportunidade de apreciar/analisar obras poéticas de autores da mesma localidade onde ele vive – nesse caso, a periferia – e que compartilham das mesmas experiências de vida desse educando, as aulas ganham um novo sentido; há um processo de aproximação e identificação do aprendiz com o outro. Por esse motivo, é importante o professor inserir, na prática de leitura, a temática poesia periférica e seus respectivos autores.

E, sendo a compreensão do texto um processo caracterizado, também, pela exploração do conhecimento prévio do leitor, faz-se necessário evidenciar a valorização e estudo da poesia periférica, na turma de alunos escolhida para a execução desta proposta, para que o domínio das habilidades de leitura supere os limites da decodificação. É fundamental proporcionar situações variadas em que os alunos mantenham contato com a poesia de forma prazerosa, dinâmica e significativa e, como resultado, tenham suas habilidades de leitura fortalecidas e aprimoradas. Por esse motivo, é necessário considerar, na prática, que o ato de ler está ligado diretamente à leitura de mundo e que ela se faz presente na vida dos alunos desde o momento em que passam a compreender o mundo a sua volta.

Dado o exposto, o presente trabalho tem como objetivo geral valorizar o uso da linguagem poética, em sala de aula, através da análise de poemas periféricos, a fim de contribuir para o aprimoramento da leitura dos aprendizes.

Na tentativa de alcançar o referido objetivo, delineamos os seguintes objetivos específicos: estimular o estudo e a produção de poemas, em sala de aula, a partir de composições poéticas de autores periféricos baianos e locais, na perspectiva de exercitar a imaginação, a criatividade e o pensamento reflexivo dos alunos; ampliar o conhecimento de mundo, linguístico e discursivo dos aprendizes por meio da linguagem poética, com a finalidade de enriquecer as suas experiências literárias; desenvolver a modalidade oral da língua através de apresentações dos poemas produzidos pelos educandos, com a intenção de explorar elementos, como: ritmo e entonação.

A metodologia aqui envolvida tem por base a pesquisa qualitativa, de cunho exploratório. Nesse processo, o próprio pesquisador tem a responsabilidade de realizar a análise das informações coletadas e de identificar o objeto de estudo ou problematização que poderá ser o foco de futuros estudos. A proposta de intervenção, executada na turma do 9º ano do Ensino Fundamental II, buscou intervir diretamente nas dificuldades encontradas em sala de aula, possibilitando ao aluno o desenvolvimento do seu nível de leitura. Para validar a dimensão interna e de construção desta pesquisa, na perspectiva de fundamentá-la nas teorias existentes, a contribuição dos autores Azevedo (1998), Bauman (2005), Cordeiro (2004), Candido (2000/2002/2004), Barthes (1987), Bloom (2001), Cosson (2014/2016), Dalcastagnè (2007/2008), Fiorindo (2012/2015), Freire (2008), Koch & Elias (2006), Lajolo (1994), Maia (2007), Marcuschi (2008), Pinheiro (2002), Soares (2000), Sorrenti (2009), Todorov (2010), entre outros, é muito importante.

Entrar nesse universo que envolve o texto poético e o desenvolvimento das habilidades de leitura significa definir os fundamentos e os objetivos do ato de ler para descobrir o lugar do letramento literário enquanto prática de leitura. Por conta disso, fica evidenciado que a relação do aluno com o universo literário sustém benefícios valiosos para sua aprendizagem, gerando a possibilidade de ele se familiarizar com as novidades, as múltiplas visões apresentadas pela linguagem literária. Logo, é nesse movimento de ler mais e melhor, sem perder de vista a realidade que lhe rodeia, que o aprendiz tem sua capacidade leitora expandida, sua sensibilidade desenvolvida e sua consciência fortalecida na convivência com o novo, passando a atuar de modo mais criativo e próprio.

2 PRESSUPOSTOS DA LEITURA POÉTICO-PERIFÉRICA

Nesta seção, são abordadas as concepções teóricas que fundamentam a proposta de trabalho em evidência. Tais teorias apresentam conhecimentos necessários ao estudo e reflexão mais aprofundados sobre o desenvolvimento das habilidades de leitura. O poema aqui é tratado como um gênero literário que traz resultados significativos à formação do leitor.

2.1 NAS TRILHAS DA LEITURA

A escola não é a única responsável pela formação do leitor. Os textos estão presentes em todos os espaços, dentro e fora dela. A leitura cria possibilidades de inclusão dos alunos no mundo do conhecimento para um legítimo exercício da cidadania, pois o processo de intervenção na realidade se dá também através do domínio que a condição de leitor atribui aos sujeitos. Lajolo (1994, p. 7) afirma isso quando diz que “como fonte de prazer e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola”. A leitura é resultante do conjunto de conhecimentos e informações disponibilizados no contexto em que ela se realiza, constituindo uma determinada maneira de ver o mundo. É nesse procedimento que se mobiliza a formação do leitor, passando pelas leituras realizadas nas múltiplas experiências vividas. O leitor se forma na vida e também na escola, em uma determinada sociedade.

A leitura tem se tornado um instrumento potente na formação da civilização humana, a ponto de Paulo Freire, em seu discurso de novembro de 1981, intitulado *A importância do ato de ler*, advertir para o fato de que “o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 2008, p. 11). Aqui, o conceito de leitura é ampliado, de tal maneira que, nesse aspecto, a experiência adquirida anteriormente, a visão de mundo e o conhecimento prévio são indispensáveis à construção dos significados em relação ao que é lido. Fica, assim, evidenciado que o ato de ler fundamenta-se numa ação da consciência que não se finaliza nela mesma, busca transformar-se à procura do entendimento do *ser e estar* no mundo.

Percebe-se, então, que escola não é a única responsável por essa formação que tanto enriquece a aprendizagem do cidadão. A maneira como se forma um leitor

é também um tanto esclarecida por Paulo Freire. Conforme assegura o autor, “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.” (FREIRE, 2008, p. 11). Antes de ler a palavra, o aluno lê o mundo. Como toda leitura é uma produção de sentido, ele procura criar sentidos para o mundo que o cerca. Por meio da leitura de mundo, começa a compreender as relações espaciais presentes, percebe que cada elemento ocupa um lugar e possui um nome, manifesta sua escolha e renúncia. É no vínculo com o outro e com o mundo que o aluno edifica significados compartilhados socialmente.

Freire (2008, p. 12) ainda considera a leitura como ferramenta humanizadora ao aconselhar que:

Compreender a realidade e reconhecer suas dificuldades propiciará a maturidade para entender outras situações mais abstratas, como muitas vezes é a leitura da palavra na escola, que, infelizmente, nem sempre conta com a leitura do mundo.

A leitura aí é visualizada como um elo entre o conhecimento sistematizado (adquirido na escola) e o mundo real. Essa ponte feita é, na verdade, uma opção necessária à luta contra a alienação e a ignorância relacionadas ao conhecimento, porque, por meio do ato de ler, a pessoa pode refletir sobre os enigmas e impasses que atingem sua vida e a sociedade em geral. A leitura modifica o ser humano; à medida que ele absorve e valoriza o conhecimento, transforma seus conceitos e assume novos posicionamentos. Esse sentido amplo da leitura envolve não apenas a decifração de palavras, mas uma compreensão de mundo:

AULA DE LEITURA

A leitura é muito mais
Do que decifrar palavras.
Quem quiser parar pra ver
Pode até se surpreender.

Vai ler nas folhas do chão,
Se é outono ou se é verão;

Nas ondas soltas do mar,
Se é hora de navegar;
E no jeito da pessoa,
Se trabalha ou se é a toa;

Na cara do lutador,

Quando está se sentindo dor;

Vai ler na casa de alguém
O gosto que o dono tem;

E no pelo do cachorro,
Se é melhor gritar socorro;

E na cinza da fumaça,
O tamanho da desgraça;

E no tom que sopra o vento,
Se corre o barco ou vai lento;

E também na cor da fruta,
E no cheiro da comida,

E no ronco do motor,
E nos dentes do cavalo,
E na pele da pessoa,
E no brilho do sorriso,

Vai ler nas nuvens do céu,
Vai ler na palma da mão,

Vai ler até nas estrelas
E no som do coração.

Uma arte que dá medo
É a de ler um olhar,
Pois os olhos têm segredos
Difíceis de decifrar.
(AZEVEDO, 1998, p. 41-42).

Segundo o autor, na decodificação, o leitor não ultrapassa o nível primário da simples identificação visual; chega a atingir apenas uma decodificação fonológica, não alcançando o nível do significado a ser compreendido. Ler implica localizar informações desejadas, poder confrontá-las e, muitas vezes, ir além das informações apresentadas. Exemplo disso é conseguir compreender que expressões presentes nesse poema, como “E no cheiro da comida” e “E no brilho do sorriso” significam, respectivamente, “Se a comida é gostosa ou não” e “Se a pessoa está feliz”. A leitura requer dedicação, disposição para ler e, ainda, um despojar de si mesmo, em certas circunstâncias, para que haja o enveredamento num mundo constituído pelas linhas e entrelinhas do texto; mundo, esse, transformado num bem cultural e imensurável.

Entende-se, ainda, na obra em pauta, que o processo de ensino – a aula – deve inserir a prática de leitura no seu sentido mais abrangente, ou seja, a leitura com a incumbência de promover a interpretação do mundo e a compreensão da realidade presente. Uma compreensão vinculada não à percepção passiva apresentada pelo outro, mas à interlocução examinada de modo crítico e reflexivo, estabelecida pela análise criteriosa do diálogo com o texto enquanto construção interpretativa. Daí o desafio de descobrir o invisível, o sentido implícito no texto, conscientizando-se de que o referido sentido se constrói através do conteúdo linguístico, dos conhecimentos prévios – de mundo –, fazendo inferências que envolvem todas as informações adquiridas pelo leitor.

De acordo com Cosson (2014, p. 36):

[...] ler consiste em produzir sentidos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores. Entendida dessa forma, a leitura é uma competência individual e social, um processo de produção de sentidos que envolve quatro elementos: o leitor, o autor, o texto e o contexto.

No ato da leitura, o leitor procura em sua memória os conhecimentos que são importantes para a construção do significado do texto. Nesse sentido, ao explorar/analisar um texto, o leitor produz um modelo situacional em que suas experiências de vida, também, interatuam com o texto-base que é formado pelo significado das palavras e pelas construções inferenciais. Ainda assim, torna-se necessário reforçar que o bom desenvolvimento das capacidades textuais depende da relação do leitor com o texto e seu autor, nas distintas situações cotidianas, existindo uma espécie de ampliação do mundo da leitura, pois, por intermédio dela, o indivíduo interage com o texto.

Pensando dessa maneira, é possível construir alicerces à comprovação de que a leitura ocorre a partir do envolvimento entre o leitor, o autor e a situação revelada, propiciando a criação de sentidos e a relação com o contexto de produção, já que configuram as vivências de quem se inclui no ato de ler. Semelhantemente, Cordeiro (2004, p. 97) reforça:

O texto só tem sentido quando entra em cena a figura do leitor, não importa quando foi produzido. O leitor retira o texto da clandestinidade, ao estabelecer com ele um diálogo que revivifica e atualiza seu sentido, até então encoberto pela ausência do leitor. A

leitura, portanto, se modela pela compreensão do texto escrito, em sua relação dialógica com a do leitor. De um lado, a presença do texto, em sua materialidade linguística e sua riqueza de tipos e pluralidade de gêneros textuais, e, de outro, o leitor, figura que já se constituiu no ato de sua produção [...].

Por conseguinte, não há dúvidas de que, no ato de produção do sentido, existe uma ligação entre aptidão linguística e conhecimento de mundo do leitor, bem como outras áreas que estão envolvidas no seu domínio de conhecimento, capazes de acionar a memória. A atribuição de significado ao texto lido é feita também a partir da ativação dos conhecimentos prévios, ou seja, daquilo que já se sabe, que já faz parte da bagagem experiencial. O texto não pode estar limitado a uma interpretação predeterminada de um autor que se propôs a entendê-lo e à vista disso transmite sua visão e autoriza apenas uma leitura unidimensional. Isso impossibilita ao leitor a realização de outras leituras e o desenvolvimento da construção de sentidos.

Na leitura, contexto e texto são elementos indispensáveis à constituição de sentidos. O texto produzido é reconstruído na leitura a partir da interação entre quem enuncia e quem compreende/interpreta o que lê. Essa interação é feita pelo uso adequado da língua pelos sujeitos em suas práticas discursivas, realizadas através de textos com os quais as pessoas se relacionam. O texto está no centro de toda a nossa atividade comunicativa. Marcuschi (2008, p. 88) afirma isso quando nos diz que “o texto é a unidade máxima de funcionamento da língua”. O que faz do texto uma obra considerável não é o seu tamanho; é uma coleção de fatores, ativados para cada circunstância de interação; um fenômeno comunicativo em que se agregam ações linguísticas, culturais, sociais e cognitivas.

A leitura já não pode ser mais considerada como um mero artefato lógico, que envolve apenas os propósitos do autor e nem pode estar aprisionada ao entendimento de que seu principal papel seja revelar informações a um indivíduo passivo. Mas deve ser entendida como uma atividade marcada exclusivamente pela noção de interação – um evento em que os sujeitos são reconhecidos como agentes sociais que compreendem o quanto o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural influenciam positivamente no processo de construção de sentidos dos textos. Conceber a leitura dessa maneira muda expressivamente a forma de pensar e planejar o seu ensino. E a escola é um ambiente adequado para que isso aconteça.

2.2 A ESCOLA DESEMPENHANDO O SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Muito se tem falado e escrito sobre a importância da leitura na vida humana, sobre os motivos e consequências da carência de leitura numa sociedade letrada e cada vez mais exigente no que diz respeito à atuação linguística do falante. Não se pode negar que as discussões em torno da formação do leitor têm gerado diversas iniciativas no contexto educacional, no sentido de reverter a decadência vivenciada nas práticas de leitura ocorridas dentro e fora do contexto escolar. É, portanto, com razão que Maia argumenta:

Se entre os professores, de modo geral, a leitura é para os alunos motivo de queixa e preocupação, quando se é professor de Língua Portuguesa e Literatura, então, a questão assume contornos mais sombrios e, por que não dizer, angustiantes. (2007, p. 59).

Nota-se que os instantes de satisfação no cotidiano da sala de aula são tão curtos que só restam, provavelmente, duas opções ao professor de Língua Portuguesa: aceitar as justificativas apresentadas para o problema (o desinteresse dos alunos no estudo com textos literários, a ausência da família na escola, a falta de recursos adequados, etc.) ou estudar, com mais profundidade, a questão da relação leitura/escola e tentar promover a mudança da realidade enfrentada. Isso pode não ser uma ação de fácil conquista, porém um estudo aprofundado dessa situação, geradora de grandes desafios, pode conduzir o professor a assumir uma nova postura em sala de aula e/ou a trilhar novos caminhos na busca de horizontes que deem mais significação ao processo de formação do leitor no contexto escolar.

Nessa perspectiva, a leitura precisa ser considerada atividade interativa, materializada em aprendizados culturais, históricos e sociais, visando aproximar as práticas de leitura concretizadas na escola das práticas de leitura desenvolvidas em sociedade. Segundo Koch & Elias (2006, p. 11), “o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação”. Aprende-se a ler, mais fluentemente, nas relações constituídas em sociedade e nas trocas e aprendizagens proporcionadas pela escola.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) deixam bastante claro que a escola deve desenvolver oportunidades para práticas de leitura nas quais a

construção de sentido seja feita pelo aluno, e não algo já determinado pela obra em análise:

Uma prática constante de leitura na escola deve admitir várias leituras, pois outra concepção que deve ser superada é a do mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está dado no texto. O significado, no entanto, constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto. É necessário que o professor tente compreender o que há por trás dos diferentes sentidos atribuídos pelos alunos aos textos: às vezes é porque o autor “jogou com as palavras” para provocar interpretações múltiplas; às vezes é porque o texto é difícil ou confuso; às vezes é porque o leitor tem pouco conhecimento sobre o assunto tratado e, a despeito do seu esforço, compreende mal. Há textos nos quais as diferentes interpretações fazem sentido e são mesmo necessárias: é o caso de bons textos literários. (BRASIL, 1997, p. 43).

Não se deve negar a importância da escola na formação do leitor. A escola desempenha um papel fundamental nesse aspecto; sendo assim, é função dela formar leitores por toda a vida. Por esse motivo, torna-se indispensável fornecer condições de trabalho que contribuam significativamente para o desenvolvimento da leitura. E o professor, nesse processo, assume papel importante. Segundo Raimundo (2007, p. 109):

Se à escola foi dado o objetivo de formar leitores, o professor é o principal executor desse projeto, e dele será o dever de apresentar o mundo da leitura ao aluno. A maneira como o professor realizar essa tarefa será decisiva para despertar ou não o interesse pela leitura.

A escola é visualizada como um ambiente social e cultural de extrema relevância para a transformação das gerações juvenis. Já não basta fornecer-lhes um legado de saberes discursivos e simbólicos definidos pela sociedade, a fim de que reproduzam essa herdade quando solicitado e, quem sabe, necessário. Na verdade, a escola é um ambiente privilegiado para o desenvolvimento da cidadania e para formação e transformação das pessoas que nela estão envolvidas.

Mas, infelizmente, ainda são muitas as dificuldades enfrentadas para que esse ato de ler seja uma tarefa menos cansativa e desafiadora nas aulas de Língua Portuguesa. Sabemos que não há fórmula única e exata para que o aluno desenvolva o interesse pelo universo da leitura. Barthes (1987), em sua obra *O prazer do texto*, estabelece paralelo entre o leitor e uma aranha que, ao tecer a sua

teia, expõe uma substância e essa própria substância é aproveitada no ato de tecer. Isto é, devido à ação de tecer, ocorre um fenômeno que é imprescindível à própria ação.

Desse modo, entende-se que, ao iniciar um trabalho efetivo de leitura em sala de aula, é preciso ter a consciência de que o ato de ler é desenvolvido de modo gradativo, uma construção em que se multiplicam e se concebem os sentidos presumíveis para o aluno interpretar, sem esquecer-se de considerar a interpretação de si mesmo, o reconhecimento de suas próprias competências e habilidades adquiridas nas experiências de vida.

Vale enfatizar que a escola, em diversos casos, constitui-se como ponte inicial de acesso do aluno ao mundo da leitura, que provém exclusivamente dos livros. E, ainda, é possível perceber que esse contato ocorre, muitas vezes, de maneira superficial, porque a escola apresenta, em diversas circunstâncias, um trabalho que dá foco, principalmente, através dos livros didáticos, a textos muito fragmentados, contendo atividades de análise que estão limitadas à superfície do texto. Somente a leitura dos textos, tais como se expõem nos livros didáticos, são insuficientes para que o aluno se torne um leitor proficiente e esteja envolvido nas práticas de leitura valorizadas no meio social. Nesse aspecto, é interessante registrar:

Romper com essas práticas de leitura não implica apenas em uma apropriação de novos métodos ou de novas técnicas. Isso requer uma concepção de linguagem e de leitura que considere o conhecimento trazido pelo texto e o conhecimento do leitor como duas instâncias que interagem e se complementam, para que a leitura se constitua em um processo de produção de sentidos que só se revela no movimento de idas e vindas entre texto e leitor. (CORDEIRO, 2004, p. 97).

À vista disso, compete à escola ir à busca de formas diferenciadas de leitura que possam propiciar ao leitor em formação uma reflexão a respeito do próprio ato de ler. Compete, também, às instituições de ensino avaliar os resultados dos métodos adotados, na intenção de aprimorar o aprendizado dos alunos, pois cada situação exige metodologias adequadas. O objetivo da aula de leitura nunca pode ser o de facilitar, a qualquer custo, o trabalho do leitor, mas o de construir coletivamente estratégias de leitura que conciliem as práticas de leitura cotidiana e as desenvolvidas no meio acadêmico.

Para isso, a escola deve intervir na educação escolar em uma tarefa que, diferente do que se poderia julgar, não é de maneira alguma trabalho fácil: viabilizar, através da leitura, o uso de estratégias que permitam aos alunos compreender e interpretar textos de modo autônomo e significativo. Pois, na leitura, o aluno é sujeito ativo que processa o texto fazendo a utilização de seus conhecimentos, experiências adquiridas no decorrer de sua vida. Por ser um ato de negociação de sentidos, as atividades de leitura realizadas, em sala de aula, devem ser discutidas e interativas, com o propósito de levar o aluno a aprimorar sua capacidade de refletir, avaliar, argumentar e defender pontos de vista.

Para alcançar objetivos mais pertinentes nas atividades de leitura, é relevante iniciar as atividades com textos que se relacionem com a realidade da turma em que se leciona. Conforme Matta (2009, p. 80), “podemos trabalhar, como exercício da leitura, primeiramente com aqueles textos que circulam naturalmente no nosso cotidiano”. Por esse motivo, deve-se selecionar o texto apropriado à determinada situação comunicativa, percebendo elementos das mais diversas ordens – linguísticos, cognitivos, socioculturais, etc. – os quais chegam a propiciar ao aluno um clima mais favorável a sua formação leitora.

Mas a realização desse trabalho pode partir da seguinte realidade: a causa mais provável do baixo nível de desempenho dos alunos em leitura não é suposta ineficácia dos métodos de alfabetização, mas o letramento rarefeito de nossas práticas escolares no ato de ler. Em outras palavras, a maioria dos alunos sabe decodificar a escrita, entretanto, apresenta um nível de letramento insuficiente para a atual fase de sua escolarização.

Por isso, a escola pode promover iniciativas que contemplem ações de projetar e estimular eventos de letramentos em quantidade equilibrada, diversidade e qualidades relevantes, que sejam apropriadas para desenvolver nos alunos o nível de leitura que a vida do tempo atual requer dos cidadãos. Para isso, é preciso considerar que o ato de ler vai além da superfície do texto, amplia a visão de mundo do leitor. Uma ampliação que também é fruto das emoções geradas pelo prazer, pela identificação e interesse por aquilo que lhe é apresentado para ser lido. Fiorindo (2015, p. A7 - A7) assegura isso, “pois só gostamos do que conhecemos e ressalto, principalmente, do que conhecemos muito bem”. Então, é necessário que o professor passe a atuar como um agente de letramento literário, explorando as

experiências vividas pelos educandos para que seja estabelecida uma forte relação entre os conhecimentos prévios e os conhecimentos atuais.

2.2.1 Afeto, identidade e pertencimento no ato de ler

Uma das principais dúvidas dos professores, atualmente, é o que pode ser feito para incentivar os alunos a ler mais e melhor. Diante disso, o docente deve continuar agindo sem perder o seguinte foco: a leitura é um importante instrumento para aperfeiçoar o desempenho da aprendizagem de crianças, jovens e adultos. Por esse viés, várias atividades podem ser realizadas no ambiente escolar: visita a bibliotecas, pesquisa bibliográfica, análise de poemas e outras. Porém, a leitura literária não pode ser uma atividade impositiva vinculada ao ensino tradicional e esquemático de memorização, mas um ato significativo e prazeroso, formando a visão de mundo, a leitura de mundo. Fiorindo (2012, p.30) reforça essa ideia quando diz que “só por meio de uma orientação docente adequada na abordagem do texto literário, é que o aluno adquire condições reais para usufruir desse prazer”.

Nessa lógica, faz-se necessário, antes de tudo, conhecer os sentimentos dos aprendizes, pensando cuidadosamente sobre a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. Trilhando por esse caminho, torna-se mais fácil repensar as práticas de leitura, contribuindo para o processo de construção de relações de aproximação gradativa entre os educandos e as práticas do ato de ler. Vale enfatizar que a afetividade, aqui, não está restrita ao ser carinhoso e ao agradar aos alunos. Entende-se, através de novos estudos, que

a afetividade também se expressa através de outras dimensões do trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula. Na realidade (...) está presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor. (LEITE; TASSONI, 2002, p. 129).

Adquirir conhecimento sobre os sentimentos dos educandos e a respeito das práticas de leitura que lhe são apresentadas permite ao professor tirar conclusões sobre as atividades que mais contribuem para a promoção de um aprendizado mais envolvente e eficaz. Em diversas ocasiões, nota-se um grande interesse por parte dos alunos em aprender a ler. Geralmente se manifestam motivados a entender como se realiza o processo de leitura. Mas, grande parte dessa admiração vai

transformando-se, algumas vezes, em desafeto, medo, desinteresse e falta de confiança. Casos assim têm gerado reflexões sobre a maneira como a leitura vem sendo trabalhada em sala de aula, colocando em evidência a afetividade e chamando a atenção para os sentimentos que enriquecem o exercício da leitura.

Ao pensar nessa perspectiva de como a leitura pode ser trabalhada em sala de aula, levando em conta a afetividade, achei pertinente incluir aqui um cordel que produzi, a pedido de Priscila Peixinho Fiorindo, professora da disciplina Aspectos Sociocognitivos e Metacognitivos da Leitura e da Escrita – PROFLETRAS 2017. Toda a turma foi incentivada a construir um texto criativo em cordel, baseando-se nas leituras e discussões realizadas nos trabalhos em grupo e nas pesquisas para além da sala de aula. Na referida produção, que segue logo abaixo, as expressões *Leitura de Quinta*, *Leiturolândia*, *Neuróbica*, e *Enfeitiçados* representam os nomes dos grupos que haviam feito suas apresentações de maneira dinâmica e criativa.

CORDELIZANDO AS AULAS DE PRISCILA

Sociocognição em alta,
Metacognição pra além:
São aspectos da leitura
E da escrita também.
Com o apoio de Priscila
Expomos esse vaivém.

É um vai emocionante
E um vem para recordar:
Movimento de leitura
Possível de armazenar.
E mesmo após muito tempo
É plausível relembrar.

A memória constitui
Um processo cerebral.
Pode ser declarativa
Também procedimental.
E trata as informações
De maneira especial.
Envolve recordação
E também olvidamento.
Mas só ficam bem guardadas
Fortes marcas do momento.
Isso é fruto emocional
Gerando inesquecimento.

Diante desse contexto,
De que forma ler o mundo?

Muito já se foi falado
 Que exige ler o profundo.
 E depois dos seminários...
 Estou certo: não confundo!

Vimos nas exposições...
 Oh, isso não é quimera!
 Lá em *Leitura de Quinta*:
 Tecnologia lidera.
 Porém na *Leiturolândia*:
 Isabel Solé é fera.

Como esquecer da *Neuróbica*?
 Foco na ação neuronal!
 E aqueles *Enfeitiçados*
Pela Leitura da qual...
 São os sentidos do texto
 Sua marca principal?

Na esfera da leitura
 O connexionismo atua.
 O ato da interação
 Aí que se perpetua.
 Num processo simultâneo
 O estímulo continua.

Na ação do connexionismo
 Que a informação se arquiva:
 De maneira paralela
 A memória não se esquiva;
 Informação conectada,
 Leitura qualitativa.

Os aspectos cognitivos
 Envolvidos na leitura:
 São leitor, autor e texto,
 Juntos formam tecitura.
 Surge ativação do cérebro,
 Coisa que dá estrutura.

Os processos subjacentes
 E estratégias em ação
 São tendências da leitura,
 Contendo compreensão;
 São meios que vão além
 Da decodificação.

Na construção de sentidos
 Fica apenas a essência:
 O registro memorável
 Da marcada experiência.
 Se excluir a emoção...
 Vai-se embora a evidência.

Isso tudo é importante

Por ligar mundo e leitura.
É por essa conexão
Que se cria estrutura.
E na prática de ensino
Obtém-se desenvoltura.

Nota-se, nesse cordel, a ênfase a palavras, como emoção, memória e recordação, elementos que podem reforçar o ato de explorar a afetividade no trabalho com a leitura. Ou seja, as interações de sala de aula ganham novo sentido quando associadas à afetividade pois, através dela, é possível perceber como professores e alunos significam as experiências vividas. Entra em jogo, aí, o individual e o social. Todas as ações, principalmente as que se referem à aprendizagem, estão diretamente ligadas a processos sociais que formam a história de vida, o cotidiano de cada um dos sujeitos envolvidos, e que interferem também na construção do contexto em que as situações acontecem.

Interessante saber que as experiências vividas pelos educandos abrangem informações sobre o mundo que lhes rodeia, a maneira como são expressas por eles e, também, as reações individuais em um determinado contexto. Os alunos não organizam ideias apenas sobre o mundo, somam a isso conceitos sobre si mesmos – sejam eles obstáculos ou sucesso. À vista disso, como deixar de lado as noções de identidade e pertencimento nas práticas de leitura, em sala de aula? Impossível. Afetividade, identidade e pertencimento são elementos interligados no ato de ler. As emoções contribuem, significativamente, no processo de desenvolvimento das habilidades de leitura dos aprendizes. O aluno aprende, com mais facilidade e prazer, o que lhe interessa, o que lhe emociona. Isso acontece porque ele se identifica. Se ele não se identifica, a aprendizagem fica comprometida.

Mas existe, atualmente, o problema do não reconhecimento das identidades e do sentimento de pertença em relação à comunidade, no ambiente escolar, o que tem dificultado o bom andamento do aprendizado. Observa-se que isso é consequência do que ainda ocorre na sociedade: a identidade acaba sendo considerada como um fator que não está em construção, em desenvolvimento; que precisa ser idealizado, e não descoberto. A tendência seria a sociedade buscar novos caminhos para esconder a condição inconsistente da identidade, mas, na contemporaneidade, torna-se mais complicado sustentar essa omissão, na íntegra. Bauman afirma que

As forças mais determinadas a ocultá-la perderam o interesse, retiraram-se do campo de batalha e estão contentes com a tarefa de encontrar ou construir uma identidade para nós, homens e mulheres, individual ou separadamente, e não conjuntamente. A fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. O segredo foi revelado. Mas esse é um fato novo, muito recente. (BAUMAN, 2005, p. 22).

Já não vemos um enfraquecimento expressivo da busca de identificação por parte de grupos sociais no mundo atual. Esses grupos já não conseguem, ainda que lentamente, ficar sem criar identidades significativas. Com essa realidade, o desafio de se construir a identidade converte-se num ofício de compromisso excepcionalmente individual. Hoje, o desejo maior é buscar, individualmente, alcançar a comunidade. Esse desejo é traduzido como a procura pelo sentimento de pertença. Desse modo, existe uma intenção de pertencer à comunidade, mas por conta da necessidade de se amenizar o sentimento de insegurança individual.

Diante dessa realidade, não seria um bom caminho buscar meios pedagógicos atrativos para aproximar a turma de alunos em questão da sua comunidade local? Um trabalho fundamentado a partir do estudo e análise de poesias periféricas pode contribuir para que essa aproximação coletiva ocorra e gere bons resultados.

2.3 AS INFLUÊNCIAS DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR

Buscar a clareza demanda um simples gesto de abrir as janelas. Começar um diálogo demanda simplesmente pronunciar a primeira palavra. É o que, modestamente, intenta essa seção, reunindo reflexões sobre a prática pedagógica de leitura, propondo trazer mais clareza e mais diálogo sobre estes dois aspectos: o direito que tem o aluno à literatura e a influência do letramento literário para a formação do leitor.

É imprescindível que a escola leve em conta a seguinte ideia: se a leitura do mundo precede a leitura da palavra, o interesse do aluno pela leitura será mais facilmente estimulado se os textos trabalhados apresentarem relação com a realidade por ele vivida. É pertinente favorecer a ligação da leitura da palavra com a leitura do mundo.

Mas por que ler o mundo explorando sua literatura? A literatura, em suas diferentes formas, está constantemente presente nas atividades dos grupos sociais humanos, em diversas culturas e partes do mundo. Esse estilo universal do fenômeno literário já justificaria a importância de conhecê-lo cuidadosamente. Entretanto, uma das melhores maneiras de revelar por que ler o mundo explorando sua literatura é experimentando o que os textos literários proporcionam ao leitor. Através da literatura, é possível “descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite reconhecê-las” (TODOROV, 2010, p. 23). Ao ler literatura, é admissível ver e entender a realidade de uma forma diferente, assim como mudar a percepção a respeito de si mesmo e sobre aquilo que está a sua volta – leitura do mundo.

Em seu clássico *Literatura e sociedade* (2000), Antonio Candido sintetiza a magnitude da literatura, visto que esta tem forte ligação com a leitura, o que oportuniza o envolvimento do indivíduo na reflexão sobre o futuro coletivo da sociedade humana. Portanto, ressalta:

Só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatos externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos ainda que o externo, no caso o social, importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 2000, p. 4).

Nessa perspectiva, o autor já destaca o papel humanizador da literatura em seu texto *A literatura e a formação do homem* (2002), ao demonstrar três funções fundamentais da literatura – a psicológica, ao revelar criatividade, fantasia, deslocando-se do real para vivenciar o ficcional e suas hipóteses; a formadora, agregada à formação leitora, propagando a importância da leitura e do ensino de literatura; e a social, ao combinar a ação reflexiva com a de transformação, o que traz como resultado uma atuação social persistente e inteirada da postura do indivíduo perante a realidade.

A literatura é parte imprescindível da humanização do homem e carece ser percebida como um direito que não pode ser negado ao indivíduo. Mesmo que o leitor não apresente o interesse esperado pelo texto literário, não se pode privá-lo da

possibilidade de conhecer e desfrutar desse gênero, motivo necessário para que a literatura esteja bem envolvida nos estudos de linguagem da escola. Por isso, negar o direito do aluno aos diversos tipos de representação literária é contribuir para que ele não exerça plenamente seu papel de cidadão. Além disso, é pertinente evidenciar que a literatura é, de fato, um direito de todos. E que pode ser também definida da seguinte forma:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2004, p. 174).

Esse conceito de literatura vai além da noção comum de que a literatura é composta apenas por romances, contos, crônicas, etc. Ou seja, o direito à literatura não deve se restringir à leitura privilegiada de obras mais apreciadas ou eleitas por especialistas como as mais importantes – as obras consideradas canônicas. Outras formas de expressão literária também devem ser reconhecidas através da leitura. A literatura está presente em todos os tempos e ambientes. Ela é um fenômeno que, em diversas circunstâncias, influencia a vida humana.

Uma das funções da leitura é ampliar conhecimentos, formar leitores que saibam valorizar a diversidade de manifestações literárias e visualizem nelas os mistérios que humanizam a sociedade. Essas manifestações podem despertar sentimentos de prazer, quem sabe de inquietação, dependendo da realidade vivida, estimulando o posicionamento crítico e a tomada de decisões e individuais e sociais. “Para ler bem é preciso ser inventor” (BLOOM, 2001, p. 21), agir mutuamente com a literatura. Nesse sentido, Cândido ainda complementa: “Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2002, p. 85).

Sendo a literatura um direito de todos, é direito do aluno ser envolvido em atividades produtivas que tenham como foco a leitura literária, pois é garantido o espaço da literatura em sala de aula. O professor deve ter função preponderante como agente de letramento literário. Nesse aspecto, sua função primordial é promover condições para que o aluno realize e desenvolva suas práticas de leitura

literária ocorridas no contexto social. Isso se justifica pelo fato de o texto literário possibilitar ao leitor em formação relacionar conhecimento, reflexão e desenvolvimento de suposições, devido à ligação com novas pessoas, tradições e com o mundo.

2.3.1 Leitura literária na perspectiva do letramento

A formação social do cidadão acontece no cotidiano, informalmente – na família, e em vários espaços da sociedade, desde o contato com diferentes gerações – e, de maneira formal, desde o ingresso do aluno em diversas agências sociais de letramento, exclusivamente na escola. A formação do letramento envolve habilidades para além da alfabetização. Em seu livro *Letramento: um tema em três gêneros* (2000, p. 41), Soares apresenta uma obra poética de Kate M. Chong, uma aluna norte-americana, de origem asiática, que faz uma descrição em forma de poema sobre letramento:

O QUE É LETRAMENTO

Letramento não é um gancho
Em que se pendura cada som enunciado,
Não é treinamento repetitivo
De uma habilidade
Nem um martelo
Quebrando blocos de gramática.

Letramento é diversão.
É leitura à luz de vela
Ou lá fora, à luz do sol.

São notícias sobre o presidente,
O tempo, os artistas da TV
E mesmo Mônica e Cebolinha
Nos jornais de domingo.

É uma receita de biscoito,
Uma lista de compras, recados colados na geladeira,
Um bilhete de amor,
Telegramas de parabéns e cartas
De velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama
é rir e chorar
com personagens, heróis e grandes amigos.

É um atlas do mundo,
Sinais de trânsito, caças ao tesouro,
Manuais, instruções, guias,
E orientações em bula de remédios,
Para que você não fique perdido.

Letramento é, sobretudo,
Um mapa do coração do homem,
Um mapa de quem você é,
E de tudo que você pode ser.

Nessa perspectiva, o letramento é bem mais do que alfabetização. Não é habilidade adquirida através da mera repetição, pois abrange diversão e prazer; busca de conhecimento através da exploração significativa de lugares desconhecidos sem deixar o lugar onde se encontra, descobrindo o que se pode vir a ser. Seguindo nesse pensamento, ainda é necessário reforçar que a leitura, uma prática que não se exaure nos limites da escola, é elemento indissociável do referido processo e que permite ao leitor entender melhor o mundo e a vida.

Essa permissão de entendimento pode ainda ser ampliada de tal forma que o leitor, recorrendo à literatura, adquira a capacidade de recriar a realidade, transformando a materialidade do mundo e da vida em que as palavras passam a ter diversas cores, sabores, odores e formas admiráveis. Nessa dimensão, recorrer à literatura significa dar espaço ao letramento literário - um processo de apropriação da literatura enquanto linguagem.

Os caminhos da literatura podem ser inúmeros e cada leitor pode desvendar ou construir o seu, contudo o professor precisa ser o agente de letramento literário – um companheiro nessa trajetória cheia de mistérios significativos à aprendizagem – que, com sua experiência, pode sugerir caminhos interessantes, de vez em quando até difíceis, no decorrer da travessia. É partindo desse pressuposto que o professor deve exercer seu papel de agente de letramento literário, explorando o conhecimento tecido em redes:

[...] o professor de Literatura não pode subscrever o preconceito do texto literário como monumento, posto na sala de aula apenas para reverência e admiração do gênio humano. Bem diferente disso, é seu dever explorar ao máximo, com seus alunos, as potencialidades desse tipo de texto. Ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos. (COSSON, 2016, p. 29).

Para formar leitores capazes de (re)conhecer a riqueza do texto literário não basta ler de maneira superficial, deixando de desvendar as implicações contidas nos atos de ler e ser letrado. O letramento literário é importante para o processo de leitura porque vai além da simples apreciação – não se limita à criação do hábito de ler por obrigação. A leitura literária tem o objetivo de ajudar o aluno a ler melhor, fornecendo-lhe as ferramentas necessárias para (re)conhecer e articular, com proficiência, a linguagem e o conhecimento de mundo.

Logo, o trabalho do professor em proporcionar ao educando o exercício da leitura literária, gerido por tarefas que vão além da ação mecânica de ler e promover a consolidação de habilidades leitoras mais complexas pode levar em consideração a seguinte declaração:

Não é possível aceitar que a simples atividade da leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária. Na verdade, apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola. Por trás dele encontram-se pressuposições sobre leitura e literatura que, por pertencerem ao senso comum, não são sequer verbalizadas. Daí a pergunta honesta e o estranhamento quando se coloca a necessidade de se ir além da simples leitura do texto literário quando se deseja promover o letramento literário. (COSSON, 2016, p. 26).

Nessa lógica, o agente de letramento literário é convidado a apresentar um trabalho diferenciado que realce a experiência do aluno com a literatura. Em outras palavras, não basta explorar apenas o conhecimento sobre literatura, porém desenvolver uma experiência de ressignificar o mundo por meio da recriação da realidade, superando os limites de tempo e espaço. Segue abaixo uma atividade prática – como sugestão a ser utilizada num círculo de leitura, na análise de uma obra ou trecho literário – que pode contribuir para reforçar a abordagem em questão:

- a) Conector - Liga a obra ou o trecho lido com a vida, com o momento;
- b) Questionador - Prepara perguntas sobre a obra para os colegas, normalmente de cunho analítico, tal como por que os personagens agem desse jeito? Qual o sentido deste ou daquele acontecimento?
- c) Iluminador de passagens - Escolhe uma passagem para explicitar ao grupo, seja porque é bonita, porque é difícil de ser entendida ou porque é essencial para a compreensão do texto;
- d) Ilustrador – traz imagens para ilustrar o texto;
- e) Dicionarista - Escolhe palavras consideradas difíceis ou relevantes para a leitura do texto;

- f) Sintetizador - Sumariza o texto;
 - g) Pesquisador – busca informações contextuais que são relevantes para o texto;
 - h) Cenógrafo - Descreve principais cenas;
 - i) Perfilador - Traça um perfil das personagens mais interessantes.
- (DANIELS, 2002 apud COSSON, 2014, p. 142-143).

É notável que as sugestões descritas solicitam as impressões dos alunos sobre o texto literário em análise, mas as alternativas *a* e *g* estão bem mais ligadas ao letramento literário. Elas, implicitamente, podem envolver conexões pessoais como: o texto remete o leitor a alguma experiência cotidiana? A qual experiência de vida o texto pode ser relacionado? Há identificação de personagens do texto com algumas pessoas da nossa sociedade? Já as demais questões exploram a identificação de elementos importantes presentes no próprio texto, expressão de sentimentos sobre o lido, etc.

Além de selecionar o procedimento adequado para trabalhar a literatura na escola, é preciso ter bastante atenção às escolhas dos textos literários a serem lidos, porque eles também contribuem para a apropriação da literatura tanto em construção de sentidos quanto em arte. Nesse sentido, a leitura do texto literário (poema) é uma atividade que traz resultados significativos à formação do leitor.

2.4 LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO NO AMBIENTE ESCOLAR

O leitor lê o texto visualizando perspectivas. Isso pode ocorrer de modo conflitante, pois

[...] a fusão de horizontes de expectativas se dá obrigatoriamente, uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a ele transferidas. O texto se torna o campo em que os dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se. Daí poder-se tomar a relação entre expectativas do leitor e a obra como parâmetro para a avaliação estética da literatura. (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 83).

As formas de combinações do horizonte de expectativas permitem ao leitor produzir/perceber sentidos nas leituras do texto literário, nos distintos ambientes em que faz esse ato tão importante. A escola é um desses ambientes que, através da atuação pedagógica do professor, exclusivamente no Ensino Fundamental II, amplia o contato do aluno com essas leituras e tem a possibilidade de realizar um trabalho

didático-pedagógico mais significativo, construindo uma nova pedagogia da leitura com a finalidade de valorizar a prática do “letramento literário”.

Sendo assim, por que abordar especificamente a leitura do poema em sala de aula?

2.4.1 O papel da poesia na formação do leitor

O ensino de Literatura deve estar agregado ao ensino da Língua Portuguesa, pois o texto literário pode promover o imaginário, despertar as emoções, ampliar a sensibilidade estética e a expressão linguística, beneficiar a construção de conhecimentos e ainda brincar com o sentido das palavras. Vale destacar que o poema contempla essas características, a ponto de demonstrar sentimentos, valores e visão de mundo. Ler um poema é ir à busca de sentidos, o que corresponde dizer que cada leitura admite que é possível participar dos textos do outro, através do duplo jogo de receber e compreender o processo de significação do texto poético.

Pinheiro (2002, p. 23) afirma que “[...] a leitura de textos poéticos tem peculiaridades e carece, portanto, de mais cuidados que a prosa.” Nota-se, dessa maneira, que o poema não é difícil de ser entendido, porém precisa de um nível maior de atenção e cuidado, para que seja compreendido com clareza.

As palavras são organizadas em textos, por meio das quais podem produzir significados transmissores de ideias, sentimentos, desejos, sensações. Grande parte delas se harmoniza de tal maneira que fica comprovado ter sido selecionada a fim de construir imagens, revelar formas, cores, cheiros, sons, possibilitando análises sob os diversos olhares. Isso é o que percebemos nos atos de ler, ouvir ou ver um poema - forma de composição enfatizada também por sua melodia e ritmo emanados da maneira como as palavras são organizadas. O poema é um gênero textual construído não apenas com ideias e sentimentos, envolve a utilização do verso e seus recursos musicais – a sonoridade e o ritmo das palavras – e emprego do sentido figurado.

É válido destacar que, embora a maioria das pessoas pense que poema e poesia sejam a mesma coisa, os dois termos não têm sentidos semelhantes, mas são bastante interligados. O poema bem elaborado é um condutor de poesia pois, através dele, nós a encontramos com mais frequência. Mas nem todo texto em versos envolve poesia, assim como há textos que, mesmo não possuindo sua

construção em versos, contêm poesia. A poesia toca o espírito e provoca emoção e encanto estético - é um elemento abstrato, enquanto o poema, um elemento concreto.

Vejamos o que Paz (1982, p. 15) declara sobre poesia:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero.

Diante disso, percebe-se que o texto poético influencia no processo de formação e transformação dos aprendizes. A poesia apresenta uma dinâmica viva e envolvente, ainda que o poema, graficamente, demonstre em sua aparência, um texto congelado, sólido. As palavras se combinam, se conectam formando imagens que revelam o mundo e conduzem o leitor a recordar as emoções, descobrir novos horizontes e avaliar os valores (im)postos pela sociedade. Paz (1982, p. 17) continua sua declaração:

O poético é poesia em estado amorfo; o poema é criação, poesia que se ergue. Só no poema a poesia se recolhe e se revela plenamente. É lícito perguntar ao poema pelo ser da poesia, se deixamos de concebê-lo como uma forma capaz de se encher com qualquer conteúdo. O poema não é uma forma literária, mas o lugar do encontro entre a poesia e o homem. O poema é um organismo verbal que contém, suscita ou omite poesia. Forma e substância são a mesma coisa.

O poema faz a ligação entre o homem e a realidade exterior. Encurta a distância entre eles. Uma distância que está envolvida na natureza humana. Nesse sentido, o poema, com sua pluralidade de significados a ser descoberta, pode conduzir o aluno a ir mais além de si mesmo. Ao trabalhar o gênero textual poema, em sala de aula, colocando essa ligação em movimento, o professor contribui também para que os alunos ampliem suas habilidades de leitura, aprimorem suas estratégias de entendimento de textos e construam uma relação mais consolidada com o saber e a cultura. Mas não basta escolher bons poemas e “derramá-los” sobre os alunos deixando que tudo seja resolvido pela “magia” das palavras. O

professor deve agir como dinamizador protagonista para a criação de uma atmosfera poética que privilegie o jogo da liberdade criativa e expressão sem bloqueios:

Muitas atividades podem ser realizadas com turmas de adolescentes. O professor pode selecionar e/ou adaptar as que considerar mais apropriadas:

- apresentar à turma poemas de que realmente gosta;
- treinar em classe a leitura do poema com a expressão que ele desperta: lirismo, humor, alegria, melancolia, indignação...
- ler vários poemas e pedir aos jovens que façam uma apreciação;
- pedir que os alunos comparem poemas que tenham assuntos semelhantes e comparem textos poéticos em prosa e em verso;
- musicalizar poemas e estudar em classe canções da música popular brasileira; [...]. (SORRENTI, 2009, p. 33-34).

Essas estratégias de leitura envolvem o jogo com o poema, permitindo realizar a desconstrução e a reconstrução do texto, exercício de autonomia poética. O aluno tem liberdade para exercitar sua imaginação, com a finalidade de decompor textos, montando novos poemas, “recortando” partes de outros textos, desvendando paralelismos. Daí se dizer como é relevante que o professor faça da sala de aula um ambiente capaz de garantir ao trabalho de análise do poema diversas possibilidades criativas que possam contribuir para o exercício da imaginação, como os desenhos sugestivos, os jogos visuais através da disposição gráfica, os jogos sonoros – ritmo e rima.

Para dar maior significação ao trabalho realizado com as referidas estratégias, o lugar onde o aluno vive é elemento fundamental para nortear e embasar o desenrolar das atividades. Partindo daí, os alunos podem apresentar um olhar inusitado sobre o cotidiano e um posicionamento pessoal diante da realidade visualizada, a qual funciona como pretexto significativo para que expressem no jogo de palavras o seu sentimento sobre o mundo que os rodeia:

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. (COSSON, 2016, p. 17).

Nesse sentido, o poema é produzido como se fosse um jogo de palavras que passa a mostrar o mundo de um jeito novo e a buscar/proporcionar outras leituras possíveis, com o objetivo de sensibilizar, convencer ou divertir os leitores, resgatando e valorizando a cultura da comunidade local. Através desse exercício, é possível sentir como os outros, viver como os outros, romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, além disso, assumir o próprio eu. É por essa razão que as verdades dadas pelo poema são bem interiorizadas.

É bom enfatizar alguns fatores relevantes para o qual o professor precisa estar atento na leitura do poema em sala de aula. Há uma necessidade de compreender cuidadosamente a afirmação de que o poema é uma obra aberta que permite muitas interpretações. Ele, frequentemente, permite mais de uma interpretação, mas não admite quaisquer interpretações. Eco (2003, p. 12) esclarece a esse respeito:

A leitura das obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade da interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual de uma obra literária pode-se fazer o que se queira, nelas lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades e da linguagem da vida. Mas para poder seguir neste jogo, no qual cada geração lê as obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito para com aquela que eu, alhures, chamei de intenção do texto.

As palavras desse autor mostram que a leitura do texto literário propicia ao leitor impressões, gera reações e experiências múltiplas. A leitura literária é uma troca de sensações e de pontos de vista acerca do texto. Se, ao ler um poema, diversas ideias vêm à tona, é apropriado que as escolas criem novas metodologias didáticas para promover um clima literário na escola, formando leitores críticos no meio escolar, sem esquecer que todo leitor responsável analisa o texto literário com fidelidade e respeito na liberdade da interpretação. Oliveira (2010, p. 188) também dialoga nesse sentido:

Os textos literários são textos, e como tal, possuem elementos que impõem limites às interpretações que os leitores fazem: são obras abertas, mas não escancaradas. Por isso, em suas aulas de leitura de textos literários, o professor e os alunos compartilham suas interpretações e as justificam com base no que se encontra nos

textos. Assim como o aluno não deve propor uma interpretação na base do “É assim porque eu acho e pronto!”, o professor não deve descartar as interpretações dos alunos sem fornecer-lhes uma justificativa clara, baseada nos textos que estão sendo interpretados.

Eco e Oliveira evidenciam que há, nesse trabalho com os textos literários, algo chamado de textualidade literária, decorrente das expectativas do leitor do texto e de fundamentos linguísticos nele existentes. O papel do professor nessa tarefa é considerável, pois ele vai contribuir para que os alunos aprendam a olhar além do texto, entendam a escolha das palavras, descubram o que está implícito no poema.

Para alguns alunos, a palavra poema soa como algo ameaçador, lembrando ou sugerindo exercícios complexos estudados em anos anteriores na escola. No mundo literário, o poema é tido (talvez) como um dos mais requintados prazeres na expressão das emoções, sentimentos, pontos de vista. O poema tanto é uma produção original e exclusiva como também envolve leitura e declamação - participação. O poeta produz o poema e a comunidade, ao declamá-lo, reinventa-o. É exatamente nesse momento que contemplamos duas particularidades de uma mesma realidade: poeta e leitor. De um modo circular os dois se associam produzindo a poesia.

2.4.2 A voz da poesia periférica nas interações escolares

Antes de tudo, é indispensável analisar a definição da palavra periferia, segundo SHÖRNER (2011):

Em geral, a definição de periferia é utilizada indiscriminadamente para designar, numa visão geográfica, os espaços que estão distantes do centro e na faixa externa da área urbanizada e, numa visão sociológica, os locais onde a força de trabalho se reproduz em péssimas condições de habitação. Aparentemente, é consenso que as duas definições estão falando da mesma coisa; no entanto, este uso indiscriminado do termo leva a uma série de imprecisões na sua utilização. Por isso, utilizamos a expressão periferia tal como Nabil Bonduki e Raquel Rolnik, ao afirmarem que periferias são “as parcelas do território da cidade que têm baixa renda diferencial, pois, assim, este conceito ganha maior precisão e vincula, concreta e objetivamente, a ocupação do território urbano à estratificação social”. O termo periferia assume, então, além de seu conceito geográfico de *o que está à margem*, o conceito social de *exclusão*. As ações humanas são entendidas como um dinâmico processo de criação e recriação das experiências que nos

impelem a delimitar o campo empírico de nossa pesquisa nos espaços rurais e urbanos em função da diversidade cultural que se move em um mesmo território. Assim, o território deve ser visto como fruto de uma classificação das pessoas a partir do espaço que ocupam, ou ainda, pelas referências ao espaço de onde elas procedem. Por exemplo: bairros ou cidades onde divisões do tempo e do espaço não estavam clara e rigorosamente determinadas sintetizavam, em seu espaço, uma condição marginal. Daí o florescimento de uma inversão da lógica: se o lugar é marginal, conseqüentemente, aqueles que ali vivem são contaminados por tal imagem.

Em outras palavras, a definição de periferia refere-se àquilo que circunda um determinado centro, assim como um contorno, um arredor. A periferia, por outro lado, também pode estar relacionada a um processo de distanciamento e privação de diversas pessoas ou de grupos sociais em determinadas esferas da sociedade. Trata-se, na verdade, de uma condição impulsionada pela estrutura do sistema econômico e político da contemporaneidade. Como consequência, o indivíduo é visto como periférico e ganha esse rótulo por morar na periferia. Seguem alguns exemplos de situações cotidianas para facilitar o entendimento dessa definição:

- A minha escola fica na periferia: parte dos seus funcionários viaja, diariamente, duas horas para cumprir suas tarefas profissionais;
- O prefeito e os vereadores aceitaram pacificamente o pedido dos que fazem parte da metrópole, enquanto os moradores da periferia nem tiveram a oportunidade de ser ouvidos.

Na verdade, a periferia é vista como um ambiente que está em oposição ao centro; acabam sendo atingidas por estereótipos negativos aquelas pessoas que de lá advêm. No mundo literário, isso também acontece. Há situações em que parte da produção poética encontra-se no contorno, no arredor do cânone literário. A partir desse cenário, surge, então, a necessidade de se repensar as práticas de leitura, nas interações escolares, aliadas ao mundo dos alunos e aos seus interesses, porque

a escola dedica grandes esforços para falar de livros e autores que, simplesmente, não fazem parte do mundo dos alunos. A barreira existente, então, é prévia e as possibilidades de êxito são bastante escassas. A conclusão é que se pensamos que meninas e meninos devem progredir nesse aspecto, devemos dedicar tempo e programar atividades que favoreçam o interesse pessoal e estabeleçam essa conexão, fazendo com que se sintam pertencentes ao universo dos livros. (COLOMER, 2007, p. 64).

Não se trata, aqui, de repudiar o estudo literário canônico, porém garantir espaço para outras manifestações que também fazem parte da literatura e podem dar novo sentido ao trabalho com a leitura, em sala de aula. Nessa perspectiva, a poesia periférica assume um papel bastante significativo pois, ao realizar o estudo de produções periféricas nas interações de sala de aula, o educador tende a despertar o interesse dos educandos pela leitura e ampliar o repertório literário deles. A razão disso é o contato com várias obras marcadas por temáticas que, na maioria das vezes, são cotidianas. Somam-se, aí, às experiências já adquiridas pelos aprendizes, um conjunto de construções poéticas diversificadas e, em variados casos, mais palatáveis. E, ainda, ganham reconhecimento expressivo os poetas que não estão no rol canônico, mas também dedicam suas vidas à arte de produzir poemas.

A escola não pode perder de vista essa perspectiva. O bom currículo de Língua Portuguesa não deve conter, em sua sessão literária, apenas textos canônicos. É importante apresentar as diversas linguagens e maneiras de expressão por meio da produção poética. Os alunos precisam se apropriar da habilidade de comparar poemas de naturezas diversificadas, não com a intenção de apresentar a inferioridade ou superioridade de cada um deles, mas com o objetivo de, além de desvestir os preconceitos literários, compreender a maneira como distintos grupos explanam e escrevem sobre questões que estão interligadas direta ou indiretamente à sua vivência.

A poesia periférica pode ser explorada, em sala de aula, como uma fonte de pesquisa em si e também analisando o seu contexto de origem. Ela é uma ferramenta muito rica para ser utilizada no desenvolvimento da aprendizagem dos educandos, levando em conta a identidade e o sentimento de pertença da turma, pois se trata de uma produção que busca traduzir o que está, muitas vezes, adormecido nas experiências cotidianas, no imaginário social e histórico:

A literatura não é espelho do mundo social, mas parte constitutiva desse mundo. Ela expressa visões de mundo que são coletivas de determinados grupos sociais. Essas visões de mundo são informadas pela experiência histórica concreta desses grupos sociais que as formulam, mas são também elas mesmas construtoras dessa experiência. Elas compõem a prática social material desses indivíduos e dos grupos sociais aos quais eles pertencem ou com os quais se relacionam. Nesse caso, analisar visões de mundo e ideias transformados em textos literários supõe investigar as condições de

sua produção, situando seus autores histórica e socialmente. (FACINA, 2004, p. 25).

Sendo assim, esse ponto de vista nos conduz à compreensão de que a literatura, área que também envolve diretamente a poesia periférica, não atua somente como espelho da sociedade, mas como um elemento significativo indispensável à transmissão de informações, e que tem uma função social transformadora: despertar o leitor para uma percepção mais ampla do mundo que o rodeia, valorizando a pluralidade e a diversidade desse espaço e indo além das regras impostas pela sociedade. Segundo Dalcastagnè (2008, p. 32),

O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. Mesmo no último caso, tensões significativas se estabelecem: entre a 'autenticidade' do depoimento e a legitimidade socialmente construída da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo e até entre o elitismo próprio do campo literário e a necessidade de democratização da produção artística.

Valorizar o uso da linguagem poética, em sala de aula, através da análise de poemas periféricos, a fim de contribuir para o aprimoramento da leitura dos aprendizes, abre portas para a quebra de silêncio dos marginalizados. Por meio da produção literária, ganham voz e vez os autores da periferia, antes esquecidos; novas vozes da poesia passam a reforçar a participação criativa de escritores considerados frutos da terra. Uma terra que passa a ter seu processo histórico, cultural e político (re)conhecido nas produções poéticas revolucionárias, resultados dos escritos literários da periferia: escritos vistos como manifestação que vai de encontro, também, à estética e à linguagem poética da literatura dominante e elitizada, por sua produção envolver, em diversos casos, elementos da linguagem coloquial, uma das formas de expressão do povo da periferia.

Dalcastagnè (2007) compreende que a literatura marginal é a forma de expressão daqueles que, por morarem na periferia, não têm voz pois, historicamente, foi-lhes negado o direito de apresentar suas ideias, posicionamentos e críticas. A literatura marginal dá espaço, portanto, à manifestação dos "sem-voz": permite-lhes demonstrar a riqueza de suas experiências vividas às margens da alta sociedade, na periferia; oportuniza-os a revelar os segredos de sua história e cultura e expor o imaginário coletivo periférico, principalmente no que se refere aos seus

posicionamentos contraditórios à cultura oficial predominante. Diante dessa valorização e liberdade de expressão aos que estão à margem, notamos que, se as experiências de quem vive na periferia forem incluídas nas interações escolares, as aulas de leitura podem ganhar novo sentido.

Uma proposta de trabalho desse tipo estreita, de modo prazeroso, a relação entre escritor, texto e leitor. Sem esquecer que ela pode revelar um caminho para o reconhecimento de textos de qualidade, motivando a turma de alunos a enumerar critérios para gostar das referidas produções, atribuir características a elas e, provavelmente, tornarem-se escritores de poesias periféricas. Pensando assim, pode-se dizer que é possível despertar a leitura pelo fazer poético, em sala de aula.

3 DESPERTANDO A LEITURA PELO FAZER POÉTICO

Aqui apresentamos o espaço escolar, os sujeitos da pesquisa e as etapas da proposta de intervenção – um conjunto de elementos organizados que continuam a dar foco ao aprimoramento das habilidades de leitura por meio do fazer poético.

3.1 O ESPAÇO ESCOLAR

A instituição escolar, escolhida para a execução da proposta de intervenção pedagógica, o Colégio Municipal Professor Edivaldo Machado Boaventura, situado à Praça da Independência, S/N – no contorno (periferia) do centro da cidade de Presidente Tancredo Neves - Bahia. Foi fundada em 1984 com o Decreto nº. 3.073/83 que saiu no diário oficial de terça-feira (24 de novembro de 1987).

Figura 2- Fotos da entrada do Colégio Professor Edivaldo Machado Boaventura.



Fonte: Arquivo pessoal.

Atualmente, o Colégio Professor Edivaldo Machado Boaventura encontra-se com 13 salas de aula, num espaço que atende às necessidades pedagógicas, razoavelmente. Oferece o Ensino Fundamental de (6º a 9º ano), atuando nos turnos matutino, vespertino e noturno. Tem como diretor o Sr. Agenildo Vieira dos Santos, que atua juntamente com 2 vice-diretores, um coordenador pedagógico, 28 professores e outros profissionais, como agentes administrativos, agentes de serviços gerais, seguranças e auxiliares de secretaria.

A maioria da clientela desse estabelecimento de ensino é formada por alunos com faixa etária entre dez a cinquenta anos, moradores da zona rural, pertencentes à classe baixa, trabalhadores ou filhos de trabalhadores de baixa renda. Segundo os

profissionais que lá trabalham, esses entraves não impossibilitam, mas dificultam, um pouco, a aquisição de uma educação de melhor qualidade.

O Projeto Político Pedagógico dessa escola foi elaborado com a participação dos funcionários que nela atuam, membros da comunidade, conselhos escolares, pais e representante de alunos. Esse documento foi criado durante algumas reuniões realizadas na escola e apresenta dados sobre as dificuldades enfrentadas por ela, índice do IDEB, desempenho em avaliações nacionais, limitações físicas e necessidades pedagógicas emergentes.

A escola tem como meta garantir o direito de permanência do educando, ofertando uma educação de qualidade. Acredita na melhoria do ensino através da valorização do ser humano e trabalha com a criação e execução de projetos seguindo as necessidades dos educandos. Busca considerar o aluno como sujeito de sua própria aprendizagem, quando o conhecimento é construído progressivamente por ele e mediado e incentivado pelo professor.

Em relação ao aparato tecnológico disponibilizado para os professores, a escola dispõe de uma sala de informática, 3 *datashows* e 3 computadores. Observa-se que há um investimento razoável em recursos relacionados à tecnologia, mas procura-se entender por que o corpo docente da escola demonstra certas resistências ao uso dessas ferramentas digitais.

É também uma instituição em que a participação dos pais na vida escolar dos filhos ainda deixa a desejar porém, a equipe escolar, com o intuito de buscar fortalecer a parceria escola/família, tem realizado ações direcionadas para tentar resolver a situação, criando um trabalho em que pais, alunos, professores, coordenadores pedagógicos e demais funcionários são motivados a interagir através de atividades dinâmicas e reflexivas, estreitando o relacionamento família/escola e pais/filhos. Nota-se, ainda, o desejo de fazer dessa instituição uma escola de referência no que diz respeito à parceria com a comunidade local, tendo em vista a importância do diálogo, do respeito e dos incentivos para que essa transformação aconteça com mais intensidade.

3.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Figura 3- Os sujeitos da pesquisa, em sala de aula.



Fonte: Arquivo pessoal.

Os sujeitos envolvidos nessa pesquisa compõem uma turma de 40 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental que estudam no Colégio Professor Edivaldo Machado Boaventura, turno matutino. Nesse grupo de alunos, a maioria é advinda da zona urbana. O número de faltosos é muito reduzido e prevalecem entre eles atitudes favoráveis ao bom andamento da aprendizagem, como dedicação, solidariedade e companheirismo no decorrer das atividades realizadas em sala de aula. Não há graves problemas de aprendizagem, mas nota-se uma necessidade de aprimorar as habilidades relacionadas à leitura de textos, principalmente no que se refere ao processo de descoberta daquilo que está além do texto literário.

Como já existe uma boa parceria entre o pesquisador desta dissertação e os alunos dessa turma, desde o ano anterior, a atividade apresentada abaixo tem como objetivo concluir o processo de delineamento do perfil dos sujeitos da pesquisa.

DELINEANDO O PERFIL DA TURMA

Colégio Municipal Professor Edivaldo Machado Boaventura

Série: _____ Turma: _____ Turno: _____ Professor: _____

Aluno(a): _____

01- Sexo:

() Masculino () Feminino

02- Como você se considera?

() Branco(a) () Negro(a)

() Indígena () Pardo(a)

() Amarelo(a) () Não sei

13- Você tem celular?

() Sim () Não

14- Você tem acesso à internet por qual meio?

() Celular () Computador

() Não tenho acesso

15- Você acessa a internet em que lugar?

() Casa () Escola

() Outros lugares () Não acesso

16- Você considera que o seu tempo dedicado à leitura é:

() Suficiente () Insuficiente

17- Quais são as maiores barreiras para sua frequência na leitura?

() Tempo () Condições financeira

() Lentidão na leitura

() Dificuldade de acesso à biblioteca

() Outro(s): _____

18- Dentre as atividades desenvolvidas na disciplina Língua Portuguesa, assinale as que você mais gosta:

() Leitura () Produção de textos () Gramática () Ortografia

() Outra. Qual? _____

19- Você sabe o que é um poema? Justifique sua resposta.

20- Você gosta de ler e declamar poema? Justifique sua resposta.

21- Você conhece alguma(s) pessoa(s) da sua comunidade que gosta(m) de escrever poemas ou produzir outras obras de arte – música, pintura, fotografia – que podem envolver a presença da poesia? Se sim, cite algum(ns) nome(s).

22- Dos gêneros textuais apresentados abaixo, qual(is) você lê com mais frequência?

- () Histórias de ficção em geral
- () História Geral ou do Brasil
- () Livros de poemas
- () Jornais
- () Revistas de informação geral
- () Revistas em quadrinhos
- () Sites e aplicativos de Internet

23- Dos locais citados abaixo, qual(is) você visita com mais frequência?

- () Biblioteca
- () Cinema
- () Espetáculo ou exposição (teatro, museu, dança ou música)

24- Das afirmações apresentadas a seguir, qual(is) tem/têm ligação direta com a sua realidade?

- () Só leio o que é necessário
- () Ler é uma das minhas diversões preferidas
- () Acho difícil ler livros até o fim
- () Adoro ir a uma livraria
- () Ler é uma perda de tempo
- () Leio todos os livros indicados pelos professores
- () Compro livros em lançamentos
- () Empréstimo/pego emprestado livros com os colegas
- () Leio mais de um livro ao mesmo tempo
- () A escola me estimula a ler

3.2.1 Análise do delineamento do perfil da turma

As três primeiras perguntas desse questionário objetivaram identificar o sexo, a etnia e a idade dos alunos, respectivamente. Referente à primeira questão, foram contabilizados 18 sujeitos do sexo masculino e 22 do sexo feminino. Os informantes, ao responderem a pergunta sobre a sua etnia, assim sinalizaram: parda: 18; branca: 08; indígena: 03; amarela: 02; negra: 09. Quanto à idade, 24 alunos disseram ter 14 anos, 11 sinalizaram possuir idade um pouco superior – 15 anos. Apenas 01 aluno disse ter 16 anos e, por incrível que pareça, 04 não quiseram responder a questão. Desse modo, percebe-se que a maioria da turma é formada por meninas, a idade predominante é 14 anos e todos os envolvidos definiram, de maneira convicta, a sua etnia.

As perguntas 04 e 05 foram elaboradas com a intenção de saber onde e com quem moram os alunos. Observa-se, na tabela abaixo, que apenas 10% dos alunos moram na zona rural e quase a metade deles não tem a figura paterna presente na família. Pelo fato de a maior parte da turma morar na zona urbana, os alunos acabam sendo beneficiados no aspecto ganho de tempo, pois chegam a sua casa mais cedo, por não precisarem se deslocar para ambientes tão distantes, como há no município. E, mesmo com a ausência da figura paterna, em várias famílias, percentual de 45%, o processo de ensino-aprendizagem não chega a ser interrompido, conforme visualizamos na tabela a seguir:

Tabela 1: Onde e com quem você mora?

Onde você mora?		Com quem você mora?	
Zona rural	10%	Pai e mãe	47,5%
Zona urbana	90%	Apenas mãe	45%
		Avós	7,5%

Fonte: Elaborada pelo autor (2018)

As questões de 06 a 09 formam um conjunto elaborado com o propósito de aferir, aproximadamente, a condição financeira das famílias dos alunos, fator que também pode interferir no resultado da aprendizagem. Ao responderem às referidas perguntas, os informantes permitiram computar os seguintes resultados: Em 90% dos casos há, no mínimo, uma pessoa da família que trabalha – pai ou mãe ou avó. Em se tratando dos alunos, apenas 10% trabalham no turno oposto. Foi sinalizado, também, que a maioria das famílias possui em casa boa parte dos bens de consumo duráveis, como TV, geladeira, aparelho de som, máquina de lavar roupa, *internet*, etc. As famílias são pequenas, geralmente formadas por 3 ou 4 pessoas.

Através das respostas dos alunos nas questões 10, 11 e 12, ficou demonstrado que acessar *internet* e redes sociais é a atividade que a maior parte dos alunos realiza nas horas livres. Apenas 27,5% dos informantes disseram que nenhuma pessoa de sua casa gosta de ler. Esse número não é alto, mas preocupa. O aluno é também contagiado pela leitura quando os moradores de sua casa são exemplos no que se refere ao ato de ler. Mais preocupante foi a seguinte situação: Apenas 52,5% dos informantes afirmaram gostar de ler; 30% negaram gostar da leitura e 17,5% disseram que seu gosto pela leitura é fragmentário.

A tabela abaixo contém as informações apresentadas nas questões 13 e 14, elaboradas com o intuito de verificar se é possível utilizar o celular e a internet como recursos de algumas metodologias para a realização de atividades escolares:

Tabela 2: O celular e a internet

Você tem celular?		Você tem acesso à internet por qual meio?	
Sim	80%	Celular ou computador	97,5%
Não	20%	Não tenho acesso	2,5%

Fonte: Elaborada pelo autor (2018)

Diante do resultado, comprova-se que os recursos citados podem auxiliar na aplicação de atividades escolares. Mas é necessário ressaltar que, na questão posterior – a de número 15 –, ficou indicado que 92,5% dos alunos acessam *internet* em sua própria casa. Então, para executar metodologias auxiliadas por esses recursos, ainda é preciso levar em conta, exclusivamente, não o espaço escolar, mas a casa do aluno também.

No intuito de buscar informações mais precisas sobre a relação dos participantes com a leitura, foram incluídas as questões 16, 17 e 18. Os resultados sinalizados foram surpreendentes:

- 47,5% dos alunos consideram insuficiente seu tempo dedicado à leitura;
- Em se tratando das maiores barreiras que atrapalham a frequência da leitura realizada pelos participantes, ganharam destaque: a falta de tempo e a lentidão para ler;
- Ainda assim, leitura e produção de texto são as atividades preferidas de muitos alunos nas aulas de Língua Portuguesa.

Percebe-se, então, que quase metade do número de alunos não administra seu tempo disponível para priorizar a leitura e, como consequência disso, o ato de ler flui lentamente. Mas é interessante falar aqui que é possível mudar essa realidade, pois eles demonstraram em suas respostas que gostam da leitura. Nesse sentido, a prática pedagógica pode ser repensada com o objetivo de explorar significativamente a leitura.

Descobrir o nível de conhecimento do aluno sobre o gênero poema, eis a justificativa para a inserção das perguntas 19, 20 e 21 no questionário. A tabela a seguir facilita a verificação:

Tabela 3: Os alunos e o poema

Você sabe o que é um poema?		Você gosta de ler e declamar poema?	
Sim	81%	Sim	67%
Não	19%	Não	33%
Você conhece alguma(s) pessoa(s) da sua comunidade que gosta(m) de escrever poemas ou produzir outras obras de arte – música, pintura, fotografia – que podem envolver a presença da poesia? Se sim, cite alguns nomes.			
Sim		63,5%	
Não		36,5%	

Fonte: Elaborada pelo autor (2018)

Os dados registrados, associados às justificativas dos informantes que foram apresentadas no mesmo questionário, permitem chegar à seguinte conclusão: a maioria dos alunos tem o conhecimento básico sobre o gênero poema, mas é preciso trabalhar, com mais intensidade, sua prática de leitura e declamação. Os poemas e outras obras de arte poética produzidos por moradores da comunidade podem dar um novo significado à prática de leitura dos alunos, porém faz-se necessária a aplicação de atividades que valorizam e exploram o conhecimento dessas produções. O momento é oportuno: os alunos conhecem “artistas” da comunidade que apreciam o texto poético.

As respostas das 3 últimas questões (22, 23 e 24) dessa seção reforçam a informação já adquirida sobre o conhecimento dos alunos relacionado ao gênero poema. Esse conhecimento pode colaborar bastante na realização de um trabalho que valorize o aprimoramento da leitura. Percebe-se, ainda, no referido registro, que a maioria visualiza a leitura como atividade importante, mas precisa dar a ela, na prática, o valor merecido.

Diante dessa análise, pode-se chegar à conclusão que o aluno possui interesse pela leitura. Uma leitura que não seja aquela tradicionalmente validada apenas ou exclusivamente no espaço escolar. Segundo Chartier:

Aqueles que são considerados não leitores leem, mas leem coisas diferentes daquilo que o cânone da escola define como uma leitura legítima. O problema não é tanto o de considerar como não leituras estas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mas é o de tentar apoiar-se sobre essas práticas incontroladas e disseminadas para conduzir esses leitores, pela escola, mas também sem dúvida por múltiplas outras vias, a encontrar outras leituras. É preciso utilizar aquilo que a norma

escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude, isto é, ao encontro de textos densos e mais capazes de transformar a visão de mundo, as maneiras de sentir e de pensar. (CHARTIER, 1999, p. 103-104).

Entende-se, então, que há uma necessidade de exploração de práticas de leitura que deem sentido à vida do aluno; que deem continuidade e valorizem suas experiências cotidianas, o que resultará no aprimoramento do ato de ler. Já não cabe ser professor-servo do livro didático e de práticas sem direcionamento expressivo. Compete ressignificar as práticas de leitura com foco na transformação do indivíduo. Independentemente do nível de leitura apresentado pelo aluno, devemos entender que ele está ali, na escola, para também descobrir os mistérios da vida através da leitura. E por que não através da leitura de poemas de autores da comunidade local?

3.3 ETAPAS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Essa proposta de intervenção pedagógica é formada por um conjunto de atividades organizadas em 7 etapas distribuídas em 25 aulas, cada uma destas com a duração de 50 minutos. Aqui, dá-se foco, na prática, à interferência do educador sobre o processo de desenvolvimento das habilidades de leitura numa turma de 9º ano do Ensino Fundamental II do Colégio Professor Edivaldo Machado Boaventura, situado em Presidente Tancredo Neves – BA.

ETAPA I: SENSIBILIZAÇÃO RÍTMICA E POÉTICA

Duração: 04 aulas.

Objetivo:

- Sensibilizar os alunos com a leitura e a análise de poemas periféricos e música clássica.

Materiais:

- Poemas periféricos;
- Música *É preciso saber viver*, de Titãs;

- Datashow;
- Notebook;
- Caixinhas de som.

Desenvolvimento:**1º momento (02 aulas)**

Ao entrar na sala de aula, os alunos encontrarão em suas carteiras envelopes coloridos contendo poemas dentro. Serão 08 cores de envelopes distribuídos na sala. Cada aluno que tiver a mesma cor do envelope deverá se juntar aos que pegarem a mesma cor para formar grupos. Após a formação dos grupos, que terão 8 poemas com temática periférica (ANEXO A), deverão escolher 1 ou 2 representante(s) do grupo para declamar os respectivos poemas. Findadas as declamações, será apresentada a letra da música *É preciso saber viver*, de Titãs. Esse momento servirá como um ensaio. A partir daí, cantaremos a melodia num só coral, explorando bem seu som e seu ritmo. Os alunos terão um espaço reservado para falar a respeito das emoções sentidas durante as declamações e o canto da música.

2º momento (02 aulas)

O professor, recordando o conteúdo das declamações e do canto da aula anterior, explicará sobre a estrutura do poema periférico, a qual pode seguir normas convencionadas ou não, sem repudiar o estudo literário canônico, mas garantindo espaço para outras manifestações, que também fazem parte da literatura e podem dar novo sentido ao trabalho com a leitura. Ao final da aula, cada grupo produzirá uma imagem coletiva do poema declamado e explicarei a diferença entre poema e poesia.

ETAPA II: POEMA E POESIA

Duração: 04 aulas.

Objetivo:

- Reconhecer e fazer o uso de recursos da linguagem poética tanto no poema quanto na poesia.

Materiais:

- Poema *Poetizando as memórias registradas no mestrado*;
- Caderno;
- Lápis e caneta.

Desenvolvimento:**1º momento (02 aulas)**

O professor dirá aos alunos que tem um segredo para contar: é um poeta periférico. Deixará bem claro porque tem esse título e demonstrará sua satisfação e alegria por isso. Para comprovar, apresentará aos alunos o seu poema *Poetizando as memórias registradas no mestrado* (ANEXO B). À medida que for lendo sua própria obra, o professor vai descobrindo com os alunos o que está implícito no texto lido. Deixará os alunos à vontade para fazer seus questionamentos e avaliar a obra em questão. Em seguida, solicitará à turma para formar 03 grupos, apenas. Serão motivados pelo professor a lembrar de um momento marcante vivido neste ano, em sala de aula, e a anotarem os detalhes dessa vivência em seus cadernos.

2º momento (02 aulas)

De posse do registro feito nos cadernos, cada grupo deverá produzir um poema criativo e emocionante, colocando em evidência a fase vivida em sala de aula que marcou a vida da equipe. Depois de concluírem a produção, o professor sugerirá aos aprendizes buscarem alternativas criativas de apresentação dos poemas produzidos, provocando emoções por meio de uma linguagem em que se combinam sons, ritmos e significados.

Para concluir a atividade, dirá que:

- ✓ O poema é um gênero textual construído não apenas com ideias e sentimentos, envolve a utilização do verso e seus recursos musicais – a sonoridade e o ritmo das palavras – e emprego do sentido figurado.
- ✓ A poesia toca o espírito e provoca emoção e encanto estético - é um elemento abstrato, enquanto o poema, um elemento concreto.
- ✓ Embora a maioria das pessoas pense que poema e poesia sejam a mesma coisa, os dois termos não têm sentidos semelhantes, mas são bastante interligados.

ETAPA III: ELABORAÇÃO DE CONVITES AOS POETAS DA COMUNIDADE

Duração: 2 aulas.

Objetivo:

- Elaborar convites criativos para os poetas locais.

Materiais:

- Cartolina;
- Tinta;
- Pincel atômico;
- Tesoura;
- Lápis coloridos.
- Saco de linhagem

Desenvolvimento:

Ao iniciar a aula, o professor conversará um pouco com os alunos sobre alguns dos poetas brasileiros mais famosos e suas respectivas obras. Lembrará aos educandos que as 8 obras que foram declamadas no primeiro encontro, em sala de aula, são todas de autores baianos que ainda não têm reconhecimento no mercado literário. A partir desse momento, fará as seguintes perguntas:

- ✓ Você conhece alguma pessoa da sua comunidade que gosta de escrever poemas?
- ✓ Qual o assunto mais abordado por ela?
- ✓ Você gostaria de convidar essa pessoa para um bate-papo literário aqui na escola?

Depois dessa discussão, o professor avisará aos alunos que, na próxima semana, será realizado, na escola, um grande evento literário com a participação de poetas da comunidade local. Para isso, os educandos terão que elaborar convites criativos, em grupos, para os poetas indicados por eles. Antes da elaboração, o professor explicará sobre a estrutura de um convite. A entrega do material produzido ao morador da comunidade deverá ser feita pelos próprios grupos, no turno oposto.

Observação: O número de grupos que elaborarão os convites dependerá da quantidade de poetas indicados. No máximo, 5 convidados.

ETAPA IV: DIÁLOGOS POÉTICOS

Duração: 04 aulas.

Objetivo: Conhecer as histórias de vida e obras de poetas periféricos da comunidade local.

Materiais:

- Datashow;
- Microfone;
- Caixa de som;
- Notebook.

Desenvolvimento:

1º momento (02 aulas)

Os poetas convidados serão recepcionados pelos próprios alunos. Para iniciar o trabalho, o professor fará, para os poetas, uma explanação da proposta de intervenção pedagógica que estará sendo executada na turma. A partir daí, será reservado um momento para os possíveis questionamentos. Concluída essa fase, abriremos espaço para eles contarem um pouco das suas histórias de vida, dando foco à experiência literária.

2º momento (02 aulas)

Os poetas continuam contando suas histórias de vida. Depois de contadas todas as histórias, o professor parabenizará cada um dos poetas, destacando a importância da atuação deles para essa proposta de intervenção e para a transformação social. Logo em seguida, convidará cada um desses artistas para apresentar 2 de suas obras preferidas, dizer o que lhe motivou a escrevê-las e quais são as suas expectativas literárias depois desse evento. Um representante da turma ficará responsável para fazer os agradecimentos aos convidados.

ETAPA V: POEMAS PERIFÉRICOS

Duração: 04 aulas.

Objetivo: Analisar os poemas periféricos apresentados pelos poetas da comunidade local.

Materiais:

- Poemas de autores da comunidade local;
- Papel metro;
- Pincel atômico.

Desenvolvimento:

1º momento (02 aulas)

Ao chegar à sala de aula, os aprendizes encontrarão, fixadas nas paredes, as obras apresentadas pelos poetas da comunidade local no encontro anterior (ANEXOS C e D. Observação: Constam, anexas, apenas as obras de 2 autores. As demais não foram divulgadas por motivos pessoais dos poetas, mas o trabalho em sala de aula envolveu os poemas de todos). Terão a oportunidade de rever, cuidadosamente, cada uma delas. Depois disso, serão convidados a sentar em suas cadeiras. O professor explicará, agora com mais propriedade, a diferença e a relação existente entre obras canônicas e obras periféricas; poetas canônicos e poetas periféricos. O objetivo maior é valorizar cada um desses elementos e mostrar que a literatura não faz acepção de obras/poetas, independentemente de quaisquer circunstâncias.

2º momento (02 aulas)

Concluída a explicação feita pelo professor, será solicitado à turma formar os mesmos grupos que convidaram os poetas da comunidade local para o evento *Diálogos Poéticos*. Cada grupo retirará, da parede da sala, apenas 1 dos 2 poemas do seu poeta convidado para fazer uma análise, adotando os seguintes critérios:

- ✓ O que mais chama a atenção na obra em análise?
- ✓ A linguagem facilita a compreensão do leitor?
- ✓ Qual a temática envolvida?
- ✓ Qual será a intenção do poeta com esse poema?
- ✓ Faça uma lista de informações que não estão presentes de maneira clara no texto mas, pelo entendimento e pistas, chegamos a descobri-las.

Observação: O registro da análise do poema deverá ser feito num cartaz.

ETAPA VI: DOS POEMAS PERIFÉRICOS À PROSA POÉTICA

Duração: 04 aulas.

Objetivo: Produzir texto em prosa a partir dos poemas periféricos apresentados pelos poetas da comunidade local.

Materiais:

- Poemas de autores da comunidade local;
- Celular com gravador;
- Caixinhas de som;
- Caderno;
- Caneta.

Desenvolvimento:

1º momento (02 aulas)

Ao chegar à sala de aula, os educandos encontrarão um cartaz fixado na mesa do professor, contendo a seguinte frase: *Tenho uma história para contar... Façam silêncio, pois quero começar!* Depois que todos os alunos estiverem bem acomodados, o professor começará a contar sua história. Falará sobre as informações referentes ao curso do mestrado que ficaram armazenadas em sua memória. Provavelmente, logo, logo os aprendizes perceberão forte relação entre a história contada pelo professor e o poema *Poetizando as memórias registradas no mestrado*. Só que agora o texto é em prosa; sem a sujeição à rima, estrutura métrica ou aliterações. Logo depois, o professor perguntará aos alunos o que perceberam de diferente e semelhante entre as 2 obras mencionadas. Depois de ouvir os alunos, será o momento exato de iniciar a explicação sobre texto poético e texto em prosa, sem esquecer-se de abordar a seguinte questão: há situações que nem todo texto em versos envolve poesia, assim como há textos que, mesmo não possuindo sua construção em versos, contêm poesia.

Desenvolvimento:

2º momento (02 aulas)

Concluída a explicação feita pelo professor, será solicitado à turma para formar os mesmos grupos da aula anterior. Cada grupo selecionará a obra do seu poeta

convidado que ainda não foi explorada em sala de aula para transformá-la num texto em prosa. Esse texto deverá ser gravado através de um celular para ser apresentado a toda turma, no fim da aula.

ETAPA VII: SOCIALIZAÇÃO POÉTICA

Duração: 03 aulas.

Objetivo: Socializar os poemas periféricos dos poetas da comunidade local e dos alunos para toda a escola.

Materiais:

- Datashow;
- Microfone;
- Caixa de som;
- Notebook;
- Poemas de autores da comunidade local.

Desenvolvimento:

A turma de alunos já estará no pátio da escola, preparada para recepcionar os colegas das demais classes, gestão escolar, professores e demais profissionais. Som de música instrumental tocando, fotos e biografias dos poetas locais expostas nas paredes. Uma dupla de alunos contará a todos os presentes como foi desenvolvida a proposta de intervenção pedagógica e quais os momentos marcantes. Nesse momento, utilizará fotos em *slides* para reforçar a apresentação. Logo em seguida, será realizado um sarau poético com a apresentação das obras dos poetas da comunidade e das produções dos alunos elaboradas em sala de aula. Não para por aí, a plateia será também convidada a se manifestar poeticamente. Com isso, o sarau, provavelmente, ganhará mais sentido. Para finalizar, cantaremos, mais uma vez, a música *É preciso saber viver, de Titãs*.

4 REVELANDO OS MISTÉRIOS DA PESQUISA

Nesta seção, serão expostos e analisados os resultados obtidos com a proposta de intervenção executada em sala de aula – uma interferência feita sobre o processo de aprendizagem dos sujeitos envolvidos, com o objetivo de compreendê-lo, explicitá-lo e ajustá-lo.

4.1 DESCREVENDO E ANALISANDO AS ETAPAS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

As etapas foram desenvolvidas no período de 31/08 a 12/10/2018, totalizando 25 aulas. Nessa época, a turma já tinha o conhecimento sobre a proposta das etapas, as quais estavam relacionadas ao aprimoramento das habilidades de leitura. Esse conhecimento foi apresentado à turma, desde o ano anterior, quando iniciei as observações específicas para conhecer melhor a terra em que eu continuaria pisando.

Iniciei a **Etapa I – 1º momento** (2 h/a) no dia 31/08, pedindo aos alunos que entrassem na sala e observassem tudo, com bastante atenção. Ficaram surpresos ao ver os envelopes coloridos. A curiosidade tomou conta da turma. Ficaram bastante animados no momento da formação dos grupos seguindo as cores dos envelopes. Quando pedi para abrirem as sobrecartas, já queriam iniciar a leitura dos poemas com temática periférica. Reservei um momento para que eles planejassem a declamação. A maioria dos grupos preferiu fazer a recitação de maneira individual. Durante a atividade, coloquei um fundo musical instrumental para que o clima poético ficasse ainda melhor. Vários alunos se emocionaram com algumas das apresentações. Um dos fatores que também os deixaram admirados foi saber que todos aqueles poemas foram construídos por baianos que não têm reconhecimento no mercado literário. Demos continuidade ao trabalho lendo a letra da música *É preciso saber viver*, de Titãs que, por sinal, já era conhecida pela maioria. Cantamos a música, num só coral e com muita facilidade e satisfação. Ao falar de suas emoções, os alunos apresentaram argumentos críticos sobre o processo de produção poética e ainda fizeram uma relação da música com os poemas. Criamos uma frase que marcou nosso primeiro encontro: *Para ser poeta periférico é preciso saber viver*. A seguir, as imagens das atividades da referida Etapa:

Figura 4- Alunos cantando e declamando poemas, respectivamente.



Fonte: Arquivo pessoal.

Na Etapa I – 2º momento (2 h/a), no dia 04/09, provoquei os alunos, levantando 02 questionamentos:

- 1- Para você, o que é uma periferia?
- 2- Existem, em nossa comunidade, poetas periféricos?

A discussão, inicialmente, girou em torno das respostas com o seguinte conteúdo: *Periferia é favela. Nossa comunidade não tem poeta periférico por que não moramos na favela.* Outras respostas foram apresentadas seguindo essa mesma lógica. Mas depois da explicação que realizei sobre a estrutura do poema periférico, a qual pode seguir normas convencionadas ou não, sem repudiar o estudo literário canônico, eles perceberam a necessidade de rever suas respostas. Alguns até já começaram a dizer que, dessa maneira, há vários poetas periféricos na escola em que estudam. As imagens que produziram com base nos poemas declamados ficaram bem sugestivas e criativas, conforme observamos

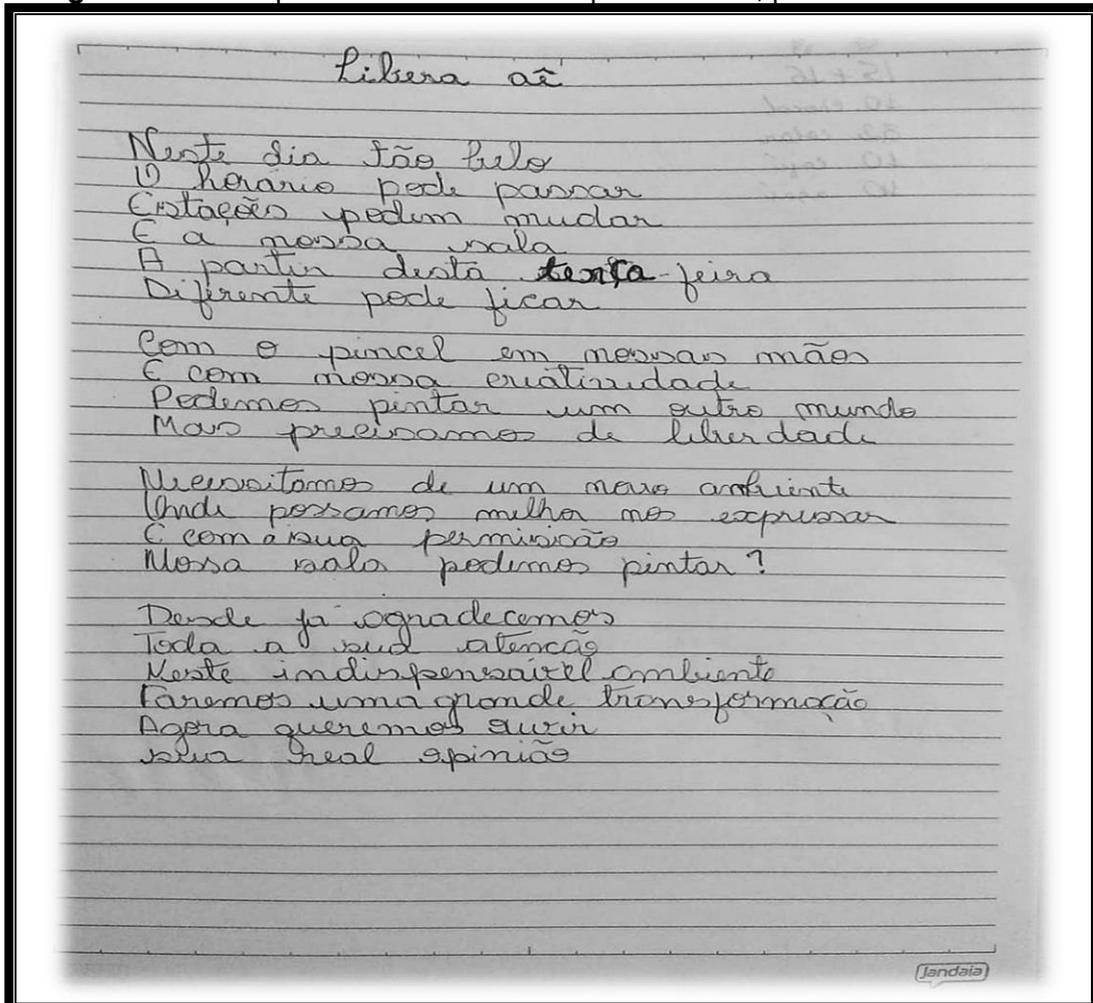
Figura 5- Algumas imagens produzidas pelos alunos, referentes aos poemas *Invisibilidade*, *Despertar* e *Enquanto isso*, respectivamente.



Fonte: Arquivo pessoal.

Aproveitei logo a ocasião para explicar a diferença entre poema – o texto em verso que foi declamado – e poesia – a forma de expressão provocando emoções. Pensavam que poema e poesia fossem a mesma coisa. Depois das declamações, a aluna Maria Gabriella, muito emocionada, levantou-se e disse o seguinte: *A poesia é tão bela... Mas ela ainda não está aqui!* – essa é a frase que inicia o título da minha dissertação. Como deixar de fora? Impossível. Pedi silêncio total à turma e solicitei a ela que continuasse. Ela justificou: *Como falar de poesia num espaço em que as paredes estão sujas, janelas sem brilho e tantas coisas velhas?* Fiquei admirado e comovido. Então, perguntei se acolhiam a ideia de mudar a cara da sala de aula. Logo aceitaram. Pensei que seria bom pedir autorização à direção escolar, para isso. Sugeri à turma elaborar, coletivamente, um poema direcionado ao diretor do colégio solicitando essa liberação. A produção ficou excelente, conforme visualizamos:

Figura 6: Poema produzido e declamado pelos alunos, para o diretor escolar.



Fonte: Arquivo pessoal.

O poema foi declamado ao diretor e ele não resistiu. Pedido aceito. Diante desse imprevisto, foi necessária a utilização de mais 02 aulas para que todos esses feitos acontecessem. Tudo ocorreu bem, pois a turma já havia pedido as 2 aulas dos professores dos últimos horários. O professor de Arte assumiu o compromisso de iniciar a pintura da sala, com a participação especial da turma, logo no domingo seguinte. Eu também estava lá. Foi um sucesso, conforme observamos:

Figura 7- Alunos pintando a sala de aula.



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao iniciar o **primeiro momento da Etapa II** (2 h/a), no dia 11/09, ficamos a admirar a pintura feita na sala. Não poupei elogios. Já era possível dizer que a poesia é tão bela e ela já estava ali. A arte feita nas paredes, portas e janelas mudaram o clima da sala. Aproveitando o momento, contei um segredo para a turma, disse que sou um poeta periférico. Apresentei minha obra - *Poetizando as memórias registradas no mestrado* - declamando. Passamos um tempo tentando descobrir as informações implícitas no texto. Em diversos momentos, foi preciso ir à busca das pistas textuais para tirarmos as conclusões. Os alunos ficaram interessados em conhecer melhor sobre o curso de mestrado. Fiz o possível para esclarecer as suas dúvidas, contando minhas experiências e expectativas no referido curso. Depois disso, eu disse à turma que queria conhecer um pouco de suas experiências de vida. Então, formaram grupos, e com muito entusiasmo, e facilidade, registraram em seus cadernos detalhes de um momento marcante vivido por eles, na escola, deixando-me curioso pelas informações.

No 2º momento (2 h/a), no dia 14/09, os alunos iniciaram a produção do poema criativo e emocionante, solicitado na aula anterior. Durante a produção,

pediram minha ajuda para fazer alguns ajustes relacionados à rima, mas percebi que o conhecimento prévio sobre produção poética, trazida por eles, foram indispensáveis para o bom andamento da realização da atividade. O momento da declamação foi inesquecível. Eles capricharam; usaram fundo musical, expressão corporal, microfone e imagens para enriquecer a apresentação. Exploraram bastante as pinturas dos 4 cantos da sala:

Figura 8: Alunos admirando a pintura feita na sala de aula.



Fonte: Arquivo pessoal.

Quando iniciei o comentário sobre as apresentações, falei um pouco, só para recordar, sobre as diferenças e ligações entre poema e poesia. Fizemos relação disso com as obras demonstradas por eles na última atividade.

Partindo para a **Etapa III** (2 h/a), no dia 18/09, conversei com os alunos sobre alguns dos poetas brasileiros mais famosos e suas respectivas obras. Notei que nessa área eles têm bom domínio. Isso ajudou bastante no enriquecimento do diálogo proposto. Logo, afunilei a discussão para chegar aos autores periféricos da

comunidade local. Como já adquiriram um pouco de conhecimento em aulas anteriores sobre autoria periférica, começaram a citar, sem dificuldades, vários nomes de poetas periféricos da comunidade local. Selecionamos 04 nomes e deixamos alguns como reserva para casos de substituição, se necessário. Avisei que na próxima semana seria realizado um diálogo com esses poetas. Lancei o desafio de confeccionarem os convites. Sugeriram que fossem produzidos em forma de poema. Achei ótima a ideia. Eles são muito criativos. A produção textual foi concluída com muito carinho e dedicação, na sala, mas o tempo foi insuficiente para decorar o convite. Fiz a revisão textual e logo depois pedimos a parceria, mais uma vez, do professor de Arte para ajudar na conclusão dessa tarefa. A decoração ficou excelente. Fizeram a entrega dos convites aos poetas naquele mesmo dia. Para mantermos contato com os poetas convidados, quando necessário, pegaram o número de telefone de cada um e passaram para mim. Penso que o conteúdo do texto e a decoração do convite cativaram os poetas, conforme imagem a seguir:

Figura 9: Convites elaborados pelos alunos para os poetas da comunidade local.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 10- Texto presente nos convites elaborados pelos alunos para os poetas da comunidade local.



Fonte: Arquivo pessoal.

Como a foto acima não ficou bem legível, segue a transcrição do texto presente na referida imagem, o que contribuirá para que a leitura seja feita de maneira mais produtiva.

QUERIDO(A) CONTERRÂNEO(A):

*Somos alunos do Colégio Edivaldo
E estudamos no 9º ano A matutino.*

*Realizaremos um evento literário
Que será encantador, imagino!*

*Sabe que aguardamos você
Com muita alegria e satisfação?
Conhecemos suas obras poéticas,
Frutos da sua rica imaginação.*

*Sabe a data do maravilhoso evento?
Temos preferência por 21 de outubro.
O diálogo começará a partir das 14 horas
E terá fim quando começar a ficar escuro.*

*Esse será, na verdade, “o grande encontro”...
Indispensável a presença conterrânea...
Acredito que o prazer na leitura poética
Se ampliará de maneira instantânea?*

CONTAMOS COM SUA PARTICIPAÇÃO!

Na **Etapa IV – 1º e 2º momentos** (4 h/a), no dia 21/09, foi preciso fazer um acordo antecipado com a gestão escolar, pois precisaríamos de 04 aulas seguidas para realizar o diálogo com os poetas da comunidade. O acordo foi feito com muita tranquilidade. Ao iniciarmos o evento, os alunos da turma receberam os poetas como combinado. A partir daí, o professor explanou cuidadosamente a proposta de intervenção pedagógica para os poetas. Aprovaram o trabalho e assumiram o compromisso de contribuir. Ainda deixaram claro que nunca haviam participado de um evento assim e que aquela era uma oportunidade para que pudessem divulgar as suas obras. Depois disso, os poetas foram convidados a contar um pouco sobre as suas histórias de vida. Ficaram um pouco tímidos, inicialmente, mas não demorou muito para se sentirem em casa. Suas histórias de vida emocionaram a turma. Elas vieram carregadas de emoção, identidade e pertencimento, conduzindo os alunos a uma profunda reflexão do que é enfrentar tantos obstáculos e não desistir de escrever, de lutar e valorizar a comunidade a que pertence. Parabenizei os poetas e,

logo em seguida, alguns alunos pediram a oportunidade para dizer o quanto os exemplos dos poetas estavam servindo para transformar as vidas deles. Foi mais que emocionante. É importante dizer aqui que os poetas ainda não sabiam da mudança artística ocorrida na sala. O encontro aconteceu em outro espaço da escola, pois a apresentação do espetáculo artístico era uma surpresa para os poetas. Chegada a hora da apresentação de 02 obras por poeta, os alunos se colocaram em fila e pediram aos poetas para acompanhá-los. Os poetas foram posicionados próximo à entrada da sala e o líder da turma corta o laço localizado na porta. Surgem as palmas, a animação, um som ambiente e os poetas acabaram sendo convidados a conhecer o espaço, a sala de aula da turma. Não resistiram, começaram a apreciar delicadamente e a tirar fotos com os alunos. Foi um sucesso. Depois disso, organizei a turma e disse aos poetas que era chegado o momento da apresentação das suas obras. Cada um deles se posicionou em um canto da parede e a declamação seguiu ordenadamente. A cada recitação, uma descoberta, mais conhecimento, mais emoção, mais enriquecimento literário. Os poetas também disseram o que lhes motivou a escrever suas obras (solidão, saudade, confiança, determinação, família, inquietação diante das injustiças sociais) e quais são as suas expectativas literárias (continuar escrevendo, lançar livro, gravar música). Fizemos os agradecimentos e, mesmo sem vontade, encerramos o evento. A seguir, os poetas convidados:

Figura 11- Apresentando os poetas.



Fonte: Arquivo pessoal.

Temos aí a equipe de poetas da comunidade local. A apresentação dos nomes obedece à ordem da linha esquerda para a direita:

- 1º Sr. Nonô – prefere ser chamado assim;
- 2º William Conceição Mota;
- 3º Maria das Candeias Inácio dos Santos;
- 4º Natalícia Serafim dos Santos.

Figura 12: Poetas da comunidade local visitando a sala da turma.



Fonte: Arquivo pessoal.

No **primeiro momento da Etapa V** (2 h/a), no dia 25/09, os alunos perceberam algo diferente na sala – os poemas dos moradores da comunidade local estavam fixados na parede. Começaram logo a dizer que conheciam aquelas obras. Passearam pela sala admirando os referidos poemas. Com mais propriedade, por conta das aulas anteriores, expliquei a diferença e ligação entre obras e poetas canônicos e periféricos. Os alunos interagiram bastante na discussão e demonstraram conhecimento suficiente para perceber que a literatura envolve significativamente cada um desses elementos. Mas, na verdade, revelaram que hoje sua maior paixão é poesia periférica e autores periféricos. Sem esquecer que já se classificam como poetas da periferia.

No **segundo momento da Etapa V** (2 h/a), no dia 28/09, foi necessário que a turma formasse os mesmos grupos responsáveis pelo convite ao poeta local para o

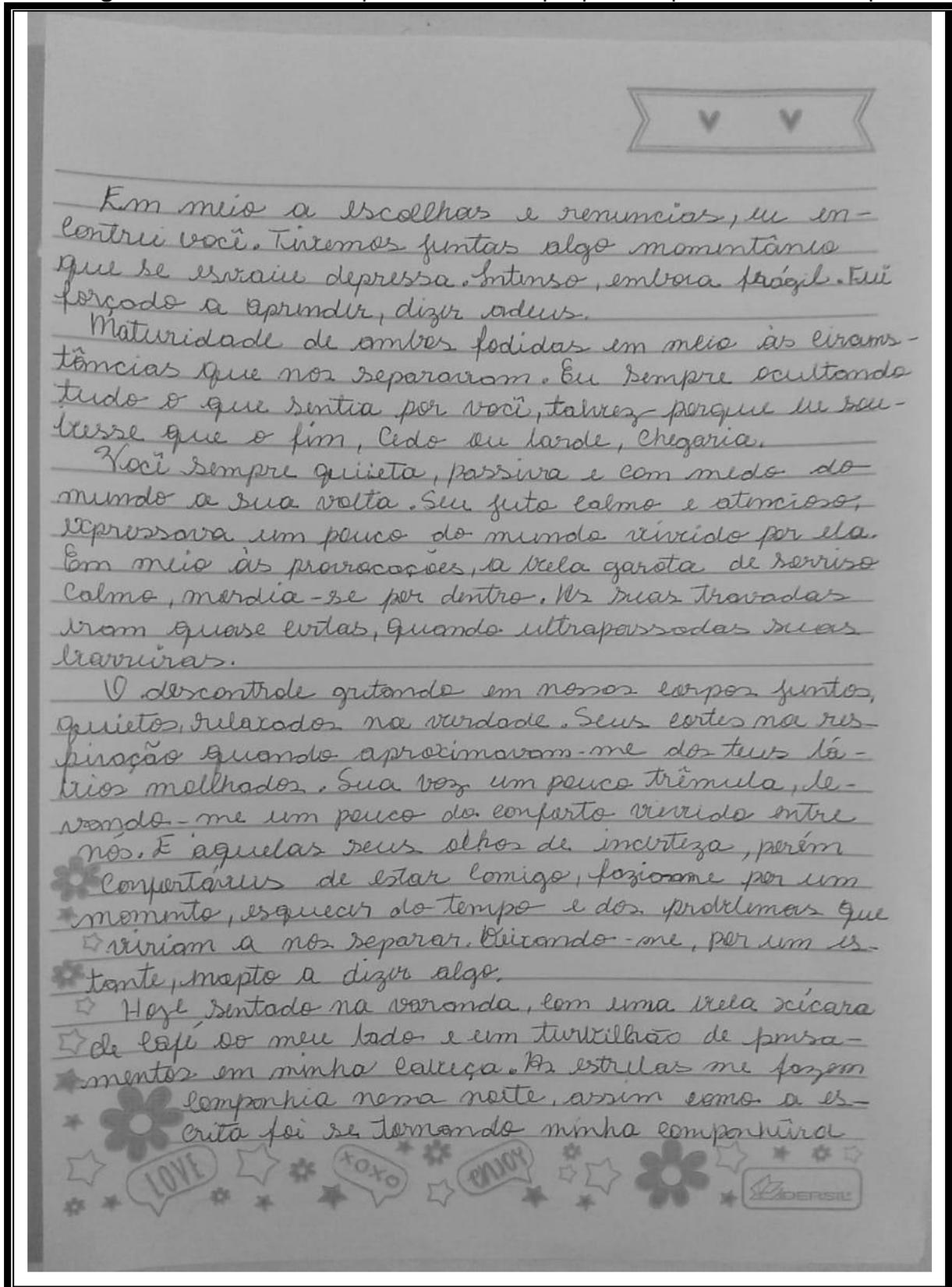
evento anterior. Cada grupo escolheu uma das obras do seu poeta que estava fixada na parede para fazer uma análise orientada por mim. Deu para perceber o quanto os alunos avançaram no processo de compreensão do texto, através da apresentação da análise, feita num cartaz. Diferentes aspectos dos textos chamaram a atenção dos grupos, tiveram facilidade de avaliar o nível de linguagem textual, depois de muita discussão descobriram as temáticas envolvidas, fizeram suposições das intenções dos autores nas obras e conseguiram perceber várias informações subentendidas nos textos. Creio que isso tenha sido fruto, também, dos conhecimentos prévios dos alunos, da valorização de suas vivências e exploração da afetividade, identidade e sentimento de pertença no desenrolar das etapas apresentadas.

O **primeiro momento da Etapa VI** (2 h/a), no dia 02/10, valorizou bastante a produção textual. Os alunos foram chegando à sala e já visualizando uma mensagem fixada na minha mesa. O conteúdo da mensagem deixava evidenciado que eu queria contar uma história. Dado o espaço, comecei a narrar a minha trajetória no curso do mestrado. Contei com muita inspiração e minha expressão facial demonstrava que eu me concentrava para recordar os fatos. Pedi que ninguém interferisse a narração pois, no final, permitiria aos alunos apresentar seu posicionamento. Finalizada a história, vários alunos disseram que lembraram logo do poema de minha autoria, apresentado em uma das aulas anteriores. Confirmei o que os alunos disseram e discuti sobre as diferenças e semelhanças entre os textos em questão. A partir desse momento, aprofundei a discussão sobre texto em prosa e texto poético. Essa ação gerou uma discussão tão produtiva que, entre outros posicionamentos apresentados, um aluno chegou a dizer: *Agora vou produzir, também, poesia no texto em prosa!*

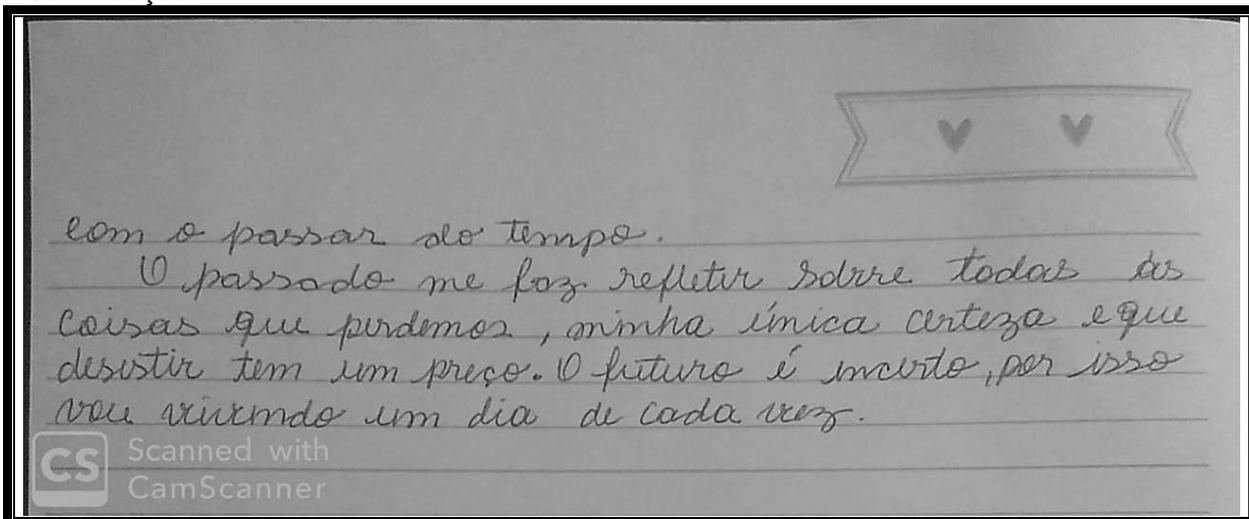
Para dar continuidade à **Etapa VI – 2º momento** (2 h/a), no dia 05/10, a turma foi motivada a formar os mesmos grupos da aula antecedente. A tarefa foi transformar o texto poético do seu poeta convidado, aquela obra que ainda não foi explorada em sala de aula, num texto em prosa. Depois de produzido o texto, os alunos foram liberados para fazer a gravação dessa nova obra, através de um celular, num espaço mais reservado da escola. Antes do final da aula, cada grupo apresentou a gravação do seu texto em prosa. Quando um grupo apresentava, os demais prestavam bastante atenção. Usar a tecnologia digital como suporte para a

realização de uma atividade, em sala de aula, foi novidade interessante, pois gerou resultados significativos:

Figura 13- Texto do aluno que se interessou por produzir poesia na obra em prosa.



Continuação.



Fonte: Arquivo pessoal.

Já a **Etapa VII** (3 h/a), no dia 12/10, foi a última fase da proposta de intervenção. O dia em que os resultados das atividades realizadas foram socializados na escola. A turma recepcionou, no pátio da instituição, toda a comunidade escolar. O espaço já estava todo decorado com caráter literário (fotos e biografias dos poetas periféricos da comunidade local, mensagens e outros). Alguns alunos da turma foram convidados para contar à comunidade como foi desenvolvida a proposta de intervenção em sala de aula. Para facilitar a apresentação, usaram *slides* contendo as fotos dos momentos marcantes. A plateia aplaudiu a apresentação dos alunos e o diretor da instituição pediu que o projeto, por seu desenvolvimento e resultado, se estendesse para as outras turmas da escola. Combinamos um encontro futuro para conversar sobre isso. Quando a plateia achava que o evento estava terminando, vários alunos da turma entraram bem caracterizados e realizaram um sarau poético bem criativo e movimentado, envolvendo os seus próprios poemas e os dos poetas locais. À medida que os poemas eram declamados, as fotos dos autores apareciam nos *slides*. O som dava suporte, também, à apresentação. A plateia ficou de pé, aplaudindo. Não parou por aí, a comunidade escolar foi convidada a estender, por alguns minutos, a realização do sarau. Vários poetas periféricos se manifestaram. Professores, diretor e alunos de outras turmas não perderam tempo – mostraram seus talentos literários. Logo em seguida, os alunos da turma, bem organizados e motivados, cantaram a música *É preciso saber viver*, de Titãs. Encerrada a música, toda a turma falou a seguinte frase, numa só sintonia: *Para ser poeta periférico é preciso saber viver*.

Figura 14- Comunidade escolar e local, respectivamente, contribuindo com a realização do evento.



Fonte: Arquivo pessoal.

Diante da realização de **todas as Etapas**, é possível dizer que uma proposta de intervenção pedagógica não é apenas um conjunto de metodologias para explanar certo conteúdo, se o professor trabalhá-lo de forma a contemplar os pontos em que sua turma precisa melhorar. Em nosso caso, a melhoria se deu no desenvolvimento das habilidades de leitura, sustentada por um trabalho voltado à valorização da poesia periférica.

Se analisarmos resultados de avaliações nacionais e internacionais relacionadas ao ato de ler, constataremos um número expressivo de alunos do nosso país que tem dificuldade para compreender o que lê, nem sempre consegue fazer relações entre os múltiplos conhecimentos que chega até ele, apresenta dificuldade em interpretar e fazer deduções. Como consequência, tem dificuldade de atuar de maneira crítica frente ao que é lido. Mas não basta apenas ficar fazendo análises, o educador tem autonomia para interferir nessa realidade e executar uma proposta de intervenção adequada às experiências dos educandos.

A partir da execução desta proposta de intervenção, notamos que um dos objetivos da literatura é criar no leitor necessidades, prazer em valorizar o cotidiano e conhecer o novo. A turma envolvida nesta proposta é apaixonada por desafios. Através deles, criaram novas necessidades: mais vontade de conhecer, de apropriar-se de bens culturais, desvendar novos mundos e novas leituras que

dialogam direta ou indiretamente com sua leitura. Na verdade, podemos dizer que, através do aprimoramento das habilidades de leitura, a turma conquistou um nível mais avançado de conhecimento literário útil à visualização de novos horizontes no processo de aprendizagem.

Nesse sentido, com o estudo de textos literários – poesias periféricas – a prática de leitura, em sala de aula, ultrapassou o simples processo da decodificação. Isso é justificado pela seguinte afirmativa: ao analisar obras poéticas de autores da comunidade local, em sala de aula, surgiu espontaneamente o reconhecimento da identidade do sentimento de pertença dos envolvidos no processo. A história de vida de cada um mexeu com a própria emoção e com a dos outros, gerando forte interesse pela aprendizagem.

Como se esquecer da influência dos conhecimentos prévios da turma? Foram indispensáveis no decorrer da realização de cada etapa, pois, como vimos, uma das principais condições para que o procedimento de leitura fosse compreendido como criação de novos sentidos era o acionamento e conexão dos conhecimentos prévios trazidos por cada um dos aprendizes.

Atrelado a isso, notamos que o estudo e a produção de poemas foram estimulados, em sala de aula, a partir de poemas de autores periféricos, o que resultou no exercício imaginário, criativo e reflexivo dos alunos. Além disso, o conhecimento de mundo, linguístico e discursivo da turma foi ampliado, gerando enriquecimento de suas experiências literárias; elementos, como ritmo, musicalização e entonação foram bem explorados através do desenvolvimento da modalidade oral da língua.

Dado o exposto, chegamos a entender também que o ato de ler, além de ser visto como um processo ativo e dinâmico, trouxe benefícios inquestionáveis à aprendizagem dos alunos envolvidos na proposta. Nas etapas desenvolvidas durante a intervenção, a poesia periférica deixou de ser vista como uma simples produção, passando a contribuir intensamente para que o aprimoramento das habilidades de leitura fosse alcançado. Ficou bem evidente na atuação da turma, do professor e dos poetas periféricos que a desenvoltura do leitor no processo de compreender o texto deve assumir um papel ativo na construção de sentido.

5 CHEGANDO AO FIM, MAS AS PORTAS DA PERIFERIA CONTINUAM ABERTAS

A intervenção pedagógica é considerada uma interferência feita pelo educador, com foco no desenvolvimento da aprendizagem dos educandos que, num dado momento, apresentam problemas no processo de aprender. Percebe-se que, na intervenção, o procedimento adotado pode trazer resultados bastante significativos, porém é necessário eleger práticas pedagógicas repensadas e mais adequadas à realidade vivenciada pelos aprendizes, para que pensem e elaborem suas ideias de modo diferenciado.

É nesse sentido que, nesta dissertação, as reflexões são feitas sobre a literatura e o ato de ler: as dificuldades enfrentadas em sala de aula, no que se relaciona às práticas de leitura, não são justificadas pela utilização de uma determinada metodologia ou pela ausência dela, porém pelo conceito que o educador tem de leitura. Ao entender o real conceito de leitura, o professor acaba procurando as estratégias mais adequadas para a efetivação da leitura literária.

Dessa maneira, compreender a mensagem de uma obra literária, em sala de aula pressupõe também a mediação do professor para que a influência do leitor ativo processe significativamente as informações adquiridas e atribua sentido àquilo que está sendo lido, ou seja, fazer a leitura de um texto e compreendê-lo requer o acionamento de conhecimentos prévios já conquistados pelo leitor. Se o aluno não for estimulado a desenvolver suas habilidades de leitura, terá grandes dificuldades para compreender o significado de um texto. Em outras palavras, não apresentará atitudes de um leitor ativo.

Por essa razão, a proposta de intervenção por mim executada buscou ressignificar as práticas de leitura, em sala de aula. Sendo a escola um lugar por excelência privilegiado para isso, ainda que, em diversas situações, as práticas de ensino desenvolvidas demonstrem o contrário. Foi pensando nessa realidade que iniciei este trabalho destacando a possibilidade de aproximar os alunos da obra literária poesia periférica – (re)descobrimo, em parceria com eles, o fascínio da literatura e a sua importância em nossas vidas, inclusive para a ampliação do domínio das habilidades de leitura.

Depois de revisitar diversos teóricos, averiguar sobre a relação que há entre literatura e leitura, afirmo, agora, com mais segurança, que pude concluir

cuidadosamente que a escola é um ambiente favorável para permitir uma experiência emancipatória através de um trabalho com leitura e poesia em parceria com moradores da comunidade local – poetas periféricos. Diante disso, é preciso considerar que a maneira como a literatura aparece nos currículos das escolas, em certas circunstâncias, pode comprometer o processo de leitura do texto literário prejudicando a formação do leitor autônomo, crítico e criativo. Então, cabe ao professor fazer as devidas adequações do currículo, quando necessário.

Enquanto mediadores conscientes da nossa responsabilidade na missão de ofertar qualidade educacional, devemos aprofundar nossa percepção de leitura, adequando as aulas às novas concepções, realizando uma mudança de postura diante do modo de ver e lidar com a leitura literária. Esse tipo de leitura contribui para que o aluno desenvolva habilidades que ultrapassem a decodificação de palavras e frases e interaja com os variados textos aos quais são expostos, considerando a construção de sentidos.

Entendo que este trabalho acadêmico também recomenda que reflitamos a respeito da importância de se ler literatura em sala de aula, contextualizando-a às experiências cotidianas do educando, com a intenção de promover o letramento literário e (re)ativar sentimentos que apenas a relação com a literatura poderá assegurar. Por meio dessas reflexões, fica declarado que as aulas de leitura precisam estar associadas à literatura pois, em parceria, elas podem contribuir para transformar o atual contexto de ensino onde há contratempos e incertezas sobre o quê, para quê e como realizar práticas de leitura explorando a literatura.

Cabe ainda declarar que, com os conhecimentos e experiências adquiridos nesta dissertação, tive o ensejo de repensar conceitos relacionados à prática de leitura literária em sala de aula e de deixar registrado um pouco do que aprendi, um pouco do que levei para os meus alunos através da execução da proposta de intervenção. Espero que as sementes lançadas aqui caiam em boa terra, sejam irrigadas e, como resultado, deem bons frutos.

Lembremos sempre que, no processo de formação do professor que desempenha seu papel no Ensino Fundamental, nunca pode faltar o conhecimento aprofundado nos estudos voltados à leitura e literatura, o que lhe proporcionará um posicionamento maduro intelectualmente, permitindo-lhe mudança de postura diante da realidade linguística dos alunos nos mais variados níveis, relacionados à linguagem e à sua leitura de mundo.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ricardo. *Dezenove Poemas Desengonçados*. São Paulo: Ática, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2005.
- BARTHES, R. *O prazer do texto*. Trad. De J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura a formação do leitor: alternativas metodológicas*. São Paulo: Mercado Aberto, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil: Ensino Fundamental: Matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008.
- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: DANTAS, V. *Bibliografia Antonio Candido – textos de intervenção*. 34. ed. São Paulo: 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- CORDEIRO, Verbena Maria Rocha. Itinerários de leitura no espaço escolar. *FAEBA-Educação e contemporaneidade*. Salvador. v.13. n. 21. p. 95-102, jan./jun. 2004.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: _____. (Org.). *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. Vinhedo: Horizonte, 2008.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Auto-representação de grupos marginalizados*. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dezembro 2007.

ECO, U. *Sobre a literatura*. Trad.: E. Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FACINA, Adriana. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FIORINDO, Priscila Peixinho. *Ler e escrever....* JORNAL A TARDE, Salvador/BA, p. A7 - A7, 13 jul. 2015.

FIORINDO, Priscila Peixinho. *Abordagens do texto literário para a formação do leitor crítico*. Revista Língua Portuguesa: Conhecimento Prático, São Paulo, p. 28 - 33, 01 fev. 2012.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

JESUS, Valdeck Almeida de. *Poéticas periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana*. Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2018. 152 p.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

LEITE, S. A. S.; TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições do ensino e a mediação do professor. In: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. A. *Psicologia e formação docente: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 113-141.

MAIA, Joseane. *Literatura na formação de leitores e professores*. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARCUSCHI, Luís A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTA, Sozângela Schemim da. *Português - Linguagem e Interação*. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro Ltda. 2009.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Tradução: Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PINHEIRO, Helder. *Poesia na sala de aula*. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2002.

RAIMUNDO, Ana Paula Peres. *A mediação na formação do leitor*. In: CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/010.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2018.

SHÖRNER, Anselmo. *Periferia: pensando um conceito*. Ecos da Periferia. Viçosa, Minas Gerais, Brasil, 2011. Disponível em: <<http://ecos-periferia.blogspot.com/2011/09/periferia-pensando-um-conceito.html?m=1>>. Acesso em: 10 jan. 2019

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SORRENTI, Neusa. *A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TODOROV, Tzevetan. *A literatura em perigo*. Tradução Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

ANEXO A- 8 poemas com temáticas periféricas.

Poéticas periféricas.qxp_Layout 1 11/04/18 13:40 Page 25

ENQUANTO ISSO

(Ayala Santana)

As suas convicções não alteram meu jeito de ser
 Não venha me falar ao que eu devo pertencer, quem eu devo conhecer,
 temer e morrer.
 Não sou Tomé, que precisa ver pra crer
 Não venha me vender as suas verdades
 Anulando assim tudo aquilo que eu sinto.
 Pressinto, me envolvo em energias
 Ressinto por ter te recitado a poesia, da minha alma nua
 A minha crua verdade, transformo em lírica
 A poesia me forma de forma empírica
 Deforma parasita, ativa anticorpos
 É a minha defesa contra esses seres sanguessugas
 Querem corpos negros somarem as estatísticas
 Querem o sangue preto vermelho nas redes sens acionistas
 Querem ressaltar opressor como herói
 Eles querem dar a voz a mais um novo algoz
 Enquanto isso, mais um corpo negro tomba
 Enquanto isso, mais uma mulher negra tomba,
 Enquanto isso, mais a minha favela sangra
 Acendendo vela pra quem jaz e nem vê a sombra

AYALA SANTANA faz parte do coletivo ZeferinaS. A poesia além de ser o seu combustível, é a formadora do seu ser. Em cada palavra, revolta, sentidos e sentimentos. É o grito, o silêncio, o eco. É a semente formadora de consciência e expressividade. Apenas é, no sentido mais puro e impuro de ser.

FLORES E FACAS

(Celeste Costa)

*Há facas que entram pelos
ouvidos e olhos,
Fervem o sangue,
Acelera o coração
Cortam a garganta,
Trituram a língua,
E saem mais afiadas
Que quando entraram,
Cortando, dilacerando,
triturando,
Espíritos e corpos
Desprotegidos.*

*Há flores que no abraço,
Penetram na pele,
Perfumam
O rio de rosas
Que transpassa
O meu corpo,
E o ar
Que expiro
Pelo nariz,
Exalando a respiração
Daquele
Que se dispõe
A ser
Feliz*

CELESTE COSTA é nascida e criada no bairro de Mata Escura. É escritora, filósofa, poeta, capoeira e artista de rua. Atua no Grupo de Arte Popular A Pombagem com intervenções poéticas e teatrais. Como contista negra, é uma das vencedoras do Prêmio Malê de Literatura, edição 2016, para jovens escritor@s negr@s.

INVISIBILIDADE SOCIAL

(Chirley Pereira)

*A invisibilidade social me assusta.
 Porque apesar de parecer sutil, silenciosa,...
 Ela existe e é gritante!
 E o grito dela ecoa dentro da existência do ignorado.
 Que existe e não é notado.
 Que existe e é descartado,
 Que é constantemente negado.
 É como se fosse um ninguém, um nada, um vazio.
 Que vazio...
 O social invisível é gente igual a gente,
 Tem fome,
 Tem sede,
 Tem sonhos,
 Mas não tem notoriedade.
 Que desgraça.
 Que tragédia existencial.
 De tanto ser negado, ele se autonega.
 É como se ele incorporasse nos palcos da vida
 Um personagem pedra,
 Que nada vê, nada sente e nada expressa.
 Mas sente...
 E não é bicho,
 Não é planta,
 Não é coisa,
 É gente!
 Que deve apenas ser amado, tratado e respeitado como gente.*

CHIRLEY PEREIRA nasceu em Caém-BA, é poeta, atriz, performer e estudante de Direito. Foi premiada em diversos festivais de poesia no interior da Bahia e hoje atua no Coletivo Mulheres Aguerridas e no Grupo de Arte Popular A Pombagem, além de participar do Movimento Popular de Teatro de Rua da Bahia e do Coletivo Arte Marginal Salvador.

FAVELA

(Damiana Sá)

*Eu saio da favela, mas ela não sai de mim
Sou filha da Bahia, Salvador, onde eu nasci
Na rua do Riacho Calabar que eu cresci.
Amante de uma bela nomeada de favela
Eu amo essa fera, minha raiz foi feita nela.
Lembranças de criança, amizades que eu fiz,
No jogo de tampinha, pula corda e bate lata,
Civil Peto corra, a Catinga aqui te mata.
Favela, farda nela, um corpo a cair;
Família choro e vela, mais um que não vai sorrir.
Democracia zero, um governo egoísta,
Não é fácil aqui crescer, nessa vida de artista.
Tem a água, tem a luz, o imposto pra pagar,
Alimentação é pouca e o dinheiro aqui não dá...
Independente disso tudo a favela é o sorriso,
É o abraço coletivo de um verdadeiro amigo.
Tenho orgulho de ser dela, essa flor da primavera,
Sou a bela, sou a fera, sou chamada de favela.*

DAMIANA SÁ é Rapper e Artista de Rua. Desenvolve trabalhos de Poesia e Rap em meios de transporte público, ruas e espaços culturais, transitando livre e poeticamente em eventos e ações artístico-culturais da cidade de Salvador.

QUERO FALAR DE AMOR

(Gisele Soares)

*Sim, eu quero falar de amor
 No meio de tanta dor, de um país despedaçado
 onde o trabalho escravo é mais uma vez aprovado.
 Eles, eles continuam pisando e chicoteando
 nossos corpos massacrados.
 Brancos Mascarados, Desgraçados.
 Mas, mas eu vim falar de amor,
 no meio de tanta dor,
 da mãe chorando pelo filho que não voltou,
 ou pela filha que, em casa, ensanguentada, chegou,
 estuprada pelo próprio marido que a deixou...
 Mas, mas eu vim falar de amor,
 aquele amor que não pode ser da mesma cor,
 do mesmo sexo, do mesmo calor, sabor...
 e por quantas vidas ele nem sequer passou
 só o silêncio ficou, parou, calou...
 Ah, ah este amor...
 E quantos corpos ele deixou?
 Corpos Negros. Olhe o Genocídio do Povo Preto!
 Corpos Negros espalhados por todo o gueto.
 Corpos Negros que você chorou. E eles, choraram?
 E o Estado que é laico, cujo preto, de branco, é demonizado,
 onde só se tem o cabelo bonito se for alisado;
 onde se tem um padrão estético forçado, implantado, empurrado,
 empurrado pelos nossos ventos para que tudo ficasse miscigenado.
 E os nossos? Ah, os nossos, alienados!
 Brancos Mascarados, Desgraçados,
 Mas, mas eu ainda eu quero um dia falar de amor!*

GISELE SOARES: Rainha do Ilê Aiyê 2017, professora de dança formada pelo Centro Cultural Edson Souto, agente cultural, diretora geral, coreógrafa e dançarina do conjunto de pesquisa e desenvolvimento da arte Negra Preta'ña, mentora do movimento comunitário Bazar da Deusa, Poetisa, mãe de Ayomí Zuhri.

DESPERTAR

(Ludmila Singa)

*A imposição da sua cultura
 Não cega mais meu reflexo.
 Andei por outros caminhos,
 Vi o quanto fatos são distorcidos
 E que estar sozinha é só um estado de inércia.
 Luto pra livrar a "patologia psíquica"
 Que congela os pretos
 Quando ver um camburão passar na esquina,
 Que destrói lares, comunidades e corações
 Guarda teus sentimentos, aqui pra ser forte,
 A frieza tem que fazer parte da ação.
 O sistema de ensino só induz a esse complexo de inferioridade
 É que a população sem referência,
 Acaba acreditando na penitência,
 Sem entender a noção do que é agir na malandragem.
 Sua ideologia, já não me contempla
 Debate de gênero, recai sobre o Feminismo
 E minhas vivências não cabem em uma teoria eurocêntrica!
 Vim pra falar de referências,
 Já que é pra teorizar vou citar o Mulherismo
 Pra ver quem aguenta o peso da treta.
 Não almejo inserção no seu padrão de consumo,
 Não culpo o homem preto pela maldade no mundo,
 Mas, vejo sim, a necessidade de dialogar
 Alertar os irmãos, porque juntos é mais fácil caminhar.
 Encontrar minha humanidade através das relações que estabelecer
 E sentir nas diferenças, a sintonia que sincroniza tudo
 Pra que o todo possa acontecer.*

LUDMILA SINGA, 20 anos, graduanda no Bacharelado Interdisciplinar em Artes na UFBA, uma das produtoras e poetisas do Slam das Minas-BA, graffiteira e membro do grupo de Arte Popular A Pombagem.

É DAQUI QUE VIM

(Renildo Santos)

*É daqui que vim, e com Fé em Deus não vou sair
 Desce escada e entra em becos com garra para seguir
 Desde cedo, fui ensinado a ter que dar duro enquanto meus amigo brin-
 cava e pulava muro
 Mas esse suor, hoje me fez ser quem eu sou,
 Tudo culpa do meu pai por eu ser um vencedor
 E nesse mar, camarão que dorme a onda leva, e por falar em sono lem-
 bro da minha vea, que por mim colecionou muitas olheiras,
 Esse verso também dedico a ti, velha guerreira.
 Vivi em meio a crime, vi vários cair
 E ainda hoje vejo vários se iludir.
 Quase me iludi, mas o rap me salvou
 Antes do crime, a poesia me abraçou
 Me senti vivo
 Passei me orgulhar
 E hoje a Onça que é meu bom lugar.
 Domingo, feriado
 Cerveja, churrasco
 De quina dando uns trago
 Os pivete com rádio
 Ligado em tudo, medindo cada passo,
 Castelando
 pronto pra trocar com os cara do outro lado.
 Alguns encarcerado
 Pela própria mente,
 Mas sonhando em ter um futuro diferente.
 Mas independente disso tudo
 Sufoco, pipoco, os loko que tão solto
 não tem paisagem mais bela do que as casa sem reboco...*

RENILDO SANTOS é poeta de rua e MC do grupo de rap In.Verso juntamente com Carlos Menezes (Aedo mc). Integrante da produção da batalha Pega Visão, Rimas de Esquina e do coletivo Pega Visão do bairro de Sussuarana, em parceria com o Sarau da Onça, na militância pelo povo preto periférico.

VERSOS INQUIETOS

(Anajara Tavares)

*Ah, tem dias!
Tem dias que os laços
se desfazem com a poeira do dia cinza
Tem dias que poesia abraça
em abraços indesejáveis de saudades
Tem dias que a mente se anuvia
e faz tempestades de desejos
Tem dias sem lírios, sem cheiros, sem festejo.*

*Ah, tem dias!
Tem dias que os raios de sol iluminam
a camarinha de minhas agonias
Tem água correndo para o mar e eu
sem poder me banhar
Tentando não represar, deixo escapar
filetes do meu sorriso iluminando o leito do rio
Tem dias que as garças bailarinas
enfeitam as minhas margens
em seus voos de coragem libertando a dor.*

*Ah, tem dias!
Tem dias que são só de contemplação,
dias de paralisar e ver o céu se enfeitar de um azul quase roxo
Tem dias mais cinzas com borrões amarelos antes dele se pôr...*

Mas tem dias que os vitrais se quebram e não há beleza para refletir.

ANAJARA TAVARES é soteropolitana e reside em Salvador, graduada em fonoaudiologia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), mulher negra e combativa. Amante da arte, acolheu a poesia, em si, em 2015. Esta é mais uma participação em coletânea, em que apresenta sua companheira e modo de amar. Já publicou "Outras Carolinas - Mulherio da Bahia" (Penalux) – organizadora e poema incluído, "Nas teias de Eros" (Darda) e "KAMA - Poemas e contos eróticos" (Cogito).

ANEXO B- Poema: Poetizando as memórias registradas no mestrado.

10
 Parebns!
 k deve
 pullian!



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
 DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V
 DISCIPLINA: ASPECTOS SOCIOCOGNITIVOS E METACOGNITIVOS
 DA LEITURA E DA ESCRITA
 DOCENTE: PRISCILA PEIXINHO FIORINDO
 DISCENTES: EDILSON ALBERTO DOS SANTOS

POETIZANDO AS MEMÓRIAS REGISTRADAS NO MESTRADO

Nesta fase de profunda ampliação do conhecimento,
 Valorizo a razão e enfatizo os sentimentos.
 Digo isso com firmeza e bastante convicção,
 Pois lembrar é coisa simples para quem tem memória,
 Mas deslembrar é difícil para quem tem coração.

Como deslembrar do ocorrido no dia da matrícula?
 Pensava eu que a informação viria apenas em partícula.
 Mas Rosemere, além de falar do Mestrado Profissional com pesar,
 Me fez uma pergunta daquelas que leva o homem a fundo respirar:
 - Você tem certeza que ficará nesse curso até que ele chegue a se finalizar?

Assim, como não chegar em casa e se tornar amigo do <http://www.profletrasdch5.uneb.br/>?
 Declarado estava o casamento de Edilson com a UNEB.
 Uma união que exigiu muita renúncia e noites com cafeína.
 Tive que buscar novas e avançadas fontes de pesquisa,
 Pois era forte o time de docentes e suas respectivas disciplinas.

Chega o tão famoso Adelino,
 Defendendo a teoria de Texto e Ensino.
 Uma teoria com reflexos significativos na sala de aula,
 Baseada nos gêneros de discurso, referênciação, diversidade textual.
 E na produção de texto... trouxe orientação sem igual.

Alfabetização e Letramento:
 Foi também a onda marcante do momento.
 Os significados do letramento como prática sociocultural,

Discutimos muito bem com a mediação top de Monalisa.
E compreendemos perfeitamente que nessa luta pela transformação,
Como agentes de letramento devemos vestir a camisa.

Fonologia, Variação e Ensino... Como esquecer?
Contribuição expressiva Gredson não deixou de nos oferecer.
O destaque foi dado à fonética e fonologia do português brasileiro,
Deixando claro que na valorização dos modos de falar e escrever,
Dos alunos somos sociolinguisticamente companheiros.

Elaboração de Projetos e Tecnologia Educacional:

Uma parceira constante que possui valor multidimensional.
Foi na clareza e objetividade das orientações do super João
Que conseguimos buscar novos horizontes para a proposta de intervenção,
A qual está a servir de base para a tão “sonhada” dissertação.

Ficou também registrado na memória, o Evento Internacional do Profletras:
Mediação Cultural e Formação Leitora – Bahia e Québec.
Momento de troca de experiências e expansão dos conhecimentos.
De tudo isso que vivi até aqui - das teorias aos experimentos...
Posso dizer que ficaram muitas saudades dos bons e inesquecíveis momentos.

ANEXO C- Obras da poeta local Natalícia Serafim.

O Subconsciente

Não há o que falar,
Apenas sentir,
Que esse nosso subconsciente,
É surpreendentemente
A nossa segunda alma.

Digamos que seja uma caixa,
Um banco de dados
Uma memória,
Ou um simples relato.

É nele que fica
O armazenamento de nossas
lembranças,
Nossas histórias,
Nossas decepções
E nossas glórias.

Ele sempre existirá,
Pois nele, temos a consciência,
Que a nossa subconsciência
Não é nenhuma coincidência
De que podemos sim,
Viver em perfeita decência.

Antes com ele,
Nunca sem ele.

É algo inexplicável
De se contar
Através de casos,
De palavras,
Ou até mesmo
Por simples metáforas.

Ele permite que não haja robô humano,
Pois controlamos
Do nosso jeito,
E mesmo incontrolável
Por algum acaso,
Só depende da gente
Tê-lo dentro da mente.

E nisso, a única certeza
Que se tem

É que ele é uma ferramenta poderosa.

Tão poderosa
Que pode nos levar para outro mundo,
Dentro de nós,
Para nós
E entre nós.

- Natalícia Serafim

Sujeira

Eu vejo ratos em toda parte,
Caminhando ao meu redor,
Indo e vindo com agonia,
Na busca do queijo de cada dia.

Esses ratos são infinitos!
Parecem nunca desaparecerem,
Existem os líderes experientes,
E existem os pequenos,
Como a gente.

Um fura a fila do queijo,
O outro sofre por desleixo,
O da direita finge ser correto,
E o da esquerda diz ser o certo.

Um lidera a multidão,
Depois vem outro, outro e outro,
E deixamos para eles esse gosto
Do sabor do queijo bom,
Enquanto estamos comendo as migalhas.

Deixamos isso acontecer,
Com medo da migalha não mais ter,
Mas temos direito!
O direito do nosso verdadeiro queijo!

Eu vejo ratos acusando outros,
Matando, julgando, apanhando,
Por acreditarem que os experientes
Irá devolvê-los o que os pertencem.

Culpa, culpa,
Culpa dos malditos ratos gigantes,
Aqueles ratos gigantes!

Eu vejo sim,
Rios de ratinhos
Afundando no seu próprio esgoto
Por acharem que ali é seu lugar.

Olho para o espelho e...
Espere um pouco...
Eu também me vejo rato!
Pelo simples fato de me juntar,
E deixar me conjugar,
Por não querer lutar,
Pelo meu verdadeiro lar!

Entramos na casa dos outros,
Pela nossa falta de educação,
E transmitimos várias doenças
Pela ausência de saúde,
Saúde de precisão.

Somos ratos porque queremos!
Porque não entendemos,
Que podemos deixar de ser,
Impedindo o pior acontecer.

O pior já veio,
Já pôde vir,
Já está aqui,
Mas podemos diminuir,
Ou até fazê-lo sumir,
Se enxergamos que somos seres humanos.

Eu não quero ser mais um rato,
Quero ser mais humano,
Mais solidário,
Mais sábio,
Mais informado,
E acima de tudo,
Mais atualizado.

E para que não haja mais essa indagação,
Precisamos nos conscientizar,
Os ratos vilões derrotar,
E assim nos tomarmos,
"Anti-ratos" sem mendigar.

- **Natalicia Serafim**

ANEXO D- Obras da poeta local Maria das Candeias Inácio dos Santos.

PEQUENAS, GRANDES COISAS

Pequenas coisas tornam-se grandes coisas,
Quando são recebidas e exaltadas com grande,
Imenso amor.

Amor esse, que valoriza e dá tamanha importância a essas
pequenas grandes coisas; tornando-as especiais e
indiscutivelmente intocáveis aos olhos mesquinhos.

Pequenas coisas tornam-se grandes coisas.
Se nelas acreditamos, e nos firmamos a elas de tal maneira que as
tornam impecáveis e indestrutíveis.

Pequenas coisas tornam-se grandes coisas.
Quando a nossa necessidade é tão maior,
Quanto a necessidade de essas existirem e se fazerem necessárias
às nossas vidas.

SERÁ QUE SOU FELIZ?

Acho que não! Preciso amar, preciso ser amada de forma cristalina
e livre. Um amar que dá asas, e liberta o corpo e a alma!
Que ao respirar possa sentir uma sensação de paz de espírito. Pra
ser feliz é preciso sonhar, buscar sonhos, acima de tudo poder
acreditar que ao sonhar precisa-se confiar: **ao fim sempre
vencerá.**

Pra ser feliz é preciso acreditar que há uma luz no fim do túnel onde
tudo se dissipará, e os problemas nada mais serão, apenas se
resolverão ao fim de uma linda canção.

Pra ser feliz é preciso cantar, espantar os males e buscar
a alegria a fantasia.

Pra ser feliz, tenho que amar, sonhar, acreditar, confiar, cantar. E
então verei: sou o que sou, posso não ser feliz "agora", mas posso
vir a ser o que almejo, no fluir, no amanhecer desse novo dia, posso
buscar a minha felicidade se acredito: **"nesse amanhecer serei
feliz, pois acredito, amo, sonho, confio e canto ao mundo essa
busca incessante e determinante de feliz apenas feliz".**

ANEXO E- Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP.

	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB	
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP		
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA		
Título da Pesquisa: O POEMA E A FORMAÇÃO LEITORA NO ENSINO FUNDAMENTAL		
Pesquisador: EDILSON ALBERTO DOS SANTOS		
Área Temática:		
Versão: 1		
CAAE: 86284618.0.0000.0057		
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA		
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio		
DADOS DO PARECER		
Número do Parecer: 2.606.686		
Apresentação do Projeto:		
O presente trabalho, intitulado "O poema e a formação leitora no ensino fundamental", tem como objetivo principal valorizar o uso da linguagem poética em sala de aula, a fim de contribuir para o aprimoramento da leitura, através de experiências que desenvolvam o sentimento de pertença e favoreçam o reconhecimento dos saberes locais. Será desenvolvido numa turma de alunos do ensino fundamental II (9º ano) do Colégio Professor		
Edivaldo Machado Boaventura, no município de Presidente Tancredo Neves - BA. A pesquisa será realizada no turno matutino, numa turma do ensino fundamental (9º ano), composta por 40 adolescentes, a maioria residente na zona urbana. A primeira etapa da pesquisa compreende a coleta inicial de dados, através da aplicação de um diagnóstico envolvendo questionário socioeconômico e avaliação do nível de leitura. A segunda etapa propõe a		
execução de uma proposta de intervenção pedagógica, elaborada a partir dos dados coletados no diagnóstico anterior. A referida proposta é formada por um conjunto de 06 oficinas organizadas de modo a promover a melhoria do aprendizado da leitura, por meio da análise, registro e divulgação de criações poéticas, a ponto de preservar a cultura literária da comunidade. Concluída a aplicação da proposta de intervenção e a coleta de todos os dados necessários, inicia-se a terceira etapa, a metodologia da análise de dados: I- Tabulação e apresentação dos dados. Lança-se mão de recursos manuais ou computacionais a fim de organizar os dados obtidos na pesquisa por meio de tabelas, quadros e gráficos. II- Análise e discussão dos resultados. Verifica-se		
Endereço: Rua Silveira Martins, 2555 Bairro: Cabula CEP: 41.195-001 UF: BA Município: SALVADOR Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br		
Página 01 de 04		



Continuação do Parecer: 2.606.686

minuciosamente os dados tabulados e organizados na etapa anterior.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Valorizar o uso da linguagem poética em sala de aula, a fim de contribuir para o aprimoramento da leitura, através de experiências que desenvolvam o sentimento de pertença e favoreçam o reconhecimento dos saberes locais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Tendo em vista que uma pesquisa pode oferecer riscos, é válido enfatizar que aqui eles se restringem apenas ao possível desconforto gerado aos participantes no ato de responder a várias perguntas da atividade diagnóstica, bem como participar de algumas atividades previstas na proposta de intervenção pedagógica, as quais exigem muita responsabilidade e dedicação. Os materiais de coleta de dados serão exclusivos da pesquisa qualitativa como produção de textos, questionários, fotografias. Mas serão tomados os cuidados necessários para evitar quaisquer constrangimentos no andamento das atividades, sendo ainda esguardada ao participante a escolha de ceder e autorizar o uso de imagens para fins de pesquisa.

Benefícios:

Em se tratando dos benefícios dessa pesquisa, recebem destaque a compreensão sobre a importância do poema para o aprimoramento da formação leitora, o conhecimento e divulgação de poemas de moradores da comunidade, assim como a preservação da cultura poética desse determinado grupo. Passa-se a perceber que os textos literários, por exigirem um esforço cognitivo diferenciado contribuem expressivamente no processo de construção de sentido.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e exequível.

A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

As declarações apresentadas são condizentes com as Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos. Os pesquisadores envolvidos com o desenvolvimento do projeto apresentam declarações de compromisso com o desenvolvimento do projeto em consonância com a Resolução 466/12 CNS/MS, bem como com o compromisso com a confidencialidade dos participantes da pesquisa e as autorizações das instituições proponente e coparticipante.

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 2.606.686

O TCLE apresentado possui uma linguagem clara e acessível aos participantes da pesquisa e atende ao disposto na resolução 466/12 CNS/MS contendo todas as informações necessárias ao esclarecimento do participante sobre a pesquisa bem como os contatos para a retirada de dúvidas sobre o processo

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1084801.pdf	25/03/2018 21:32:24		Aceito
Outros	ATIVIDADE_DIAGNOSTICA_PARTE_2.pdf	25/03/2018 21:27:14	EDILSON ALBERTO DOS SANTOS	Aceito
Outros	ATIVIDADE_DIAGNOSTICA_PARTE_1.pdf	25/03/2018 21:26:25	EDILSON ALBERTO DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	PROJETO.pdf	25/03/2018 17:54:28	EDILSON ALBERTO DOS SANTOS	Aceito

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



**UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB**



Continuação do Parecer: 2.606.686

Investigador	PROJETO.pdf	25/03/2018 17:54:28	EDILSON ALBERTO DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	8_TCLE_Menor.pdf	25/03/2018 15:09:31	EDILSON ALBERTO DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	7_TERMO_DE_ASSENTIMENTO.pdf	25/03/2018 15:08:34	EDILSON ALBERTO DOS SANTOS	Aceito
Outros	6_TERMO_DE_RESPONSABILIDADE.pdf	25/03/2018 15:07:13	EDILSON ALBERTO DOS SANTOS	Aceito
Outros	5_TERMO_DE_ANUENCIA.pdf	25/03/2018 15:04:31	EDILSON ALBERTO DOS SANTOS	Aceito
Outros	4_TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.pdf	25/03/2018 15:00:53	EDILSON ALBERTO DOS SANTOS	Aceito
Outros	3_DECLARACAO_DE_CONCORDANCIA.pdf	25/03/2018 14:56:13	EDILSON ALBERTO DOS SANTOS	Aceito
Outros	2_TERMO_DE_AUTORIZACAO.pdf	25/03/2018 14:50:56	EDILSON ALBERTO DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	1_FOLHA_DE_ROSTO.pdf	25/03/2018 14:44:01	EDILSON ALBERTO DOS SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 18 de Abril de 2018

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador)

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br